

2ª EDIÇÃO

ENTORNO DOS MESTRES

Organização e texto
Iranei Barreto

Nicollas Serafim

Colaboração
Joenne Mesquita

Givaldo Kleber





ENTORNO DOS MESTRES

Mapeamento do legado dos Mestres do
Patrimônio Vivo de Alagoas já falecidos

2^a edição

FICHA TÉCNICA

Concepção e coordenação geral: Iranei Barreto

Textos: Iranei Barreto

Fotos: Da Internet, Acervo os familiares dos Mestres, da Secult, Secom/AL (Raul Plácido), Acervo Asfopal (Neno Canuto, Ricardo Lêdo), Vitor Sarmento, Iranei Barreto e Nicollas Serafim

Pesquisa e entrevista: Iranei Barreto, Nicollas Serafim e Givaldo Kleber

Capa: Joenne Mesquita

Diagramação: Joenne Mesquita

BARRETO, Iranei

Entorno dos Mestres - Mapeamento do legado dos Mestres do Patrimônio Vivo de Alagoas já falecidos - 2^a edição. Maceió: Blog Aqui Acolá, 2025

Patrimônio Vivo de Alagoas, Mestres da Cultura, Cultura Popular, Salvaguarda do Patrimônio, Patrimônio Imaterial, Folguedos, Preservação da Memória, pesquisa cultural, política pública

SUMÁRIO

| | |
|----|-------------------------|
| 8 | APRESENTAÇÃO |
| 12 | MESTRE ANADEJE |
| 20 | MESTRA ÁUREA |
| 28 | MESTRE ARTUR DE MORAES |
| 34 | MESTRE BENON |
| 42 | MESTRE CICINHO |
| 52 | MESTRE JAÇANÃ |
| 60 | MESTRE JOTA DO PIFE |
| 68 | MESTRE JUVENAL DOMINGOS |





| | |
|--------------------------------|------------|
| MESTRE JUVENAL LEONARDO | 79 |
| MESTRE NIVALDO ABDIAS | 84 |
| MESTRE PANCHO | 98 |
| MESTRE RAUL VICENTE | 106 |
| MESTRE VEVEL | 114 |
| MESTRE VENÂNCIO | 124 |
| MESTRA MARIA FLOR | 132 |
| MESTRE VITÓRIA | 142 |

ENTORNO DOS MESTRES - 2^a EDIÇÃO

O projeto Entorno dos Mestres nasceu do desejo de preservar e difundir a memória imaterial dos mestres da cultura popular alagoana reconhecidos pela Lei do Patrimônio Vivo que já faleceram. Em sua segunda edição, reafirma o compromisso de proteger os saberes e fazeres desses mestres, promovendo o acesso público aos seus legados e fortalecendo as relações entre território, identidade e memória coletiva.

Desde a criação da Lei do Registro do Patrimônio Vivo em Alagoas, instituída pela Lei Estadual nº 6.513/04 e atualizada pela Lei nº 7.172/10, 33 mestres reconhecidos faleceram, evidenciando a urgência de refletir sobre a continuidade e preservação de seus legados.

A palavra “entorno” reflete a essência do projeto ao propor uma abordagem que vai além das trajetórias individuais, abrangendo o conjunto de relações sociais, afetivas e geográficas que sustentam os saberes tradicionais. O projeto amplia seu alcance ao investigar o universo em que essas tradições se inserem, observando as dinâmicas culturais e comunitárias que mantêm viva a herança dos mestres. Assim, o Entorno dos Mestres ultrapassa o reconhecimento individual e se consolida como um estudo sobre o tecido cultural que sustenta a memória e a vitalidade das expressões populares alagoanas.

Entre as principais ações estão pesquisas de campo em diferentes regiões do interior e da capital, entrevistas com familiares, discípulos e estudiosos, e o levantamento e organização de acervos pessoais e públicos. A metodologia estruturou as etapas de pesquisa por território, iniciando pelo interior entre 2023 e 2024 e avançando para a capital em 2025. Essa divisão permite compreender de forma mais profunda as redes de transmissão e as práticas culturais enraizadas nos espaços onde esses mestres viveram e atuaram.

Idealizado pela jornalista e pesquisadora Iranei Barreto, o projeto teve origem no Trabalho de Conclusão de Curso da pós-graduação em Práticas Culturais Populares do

Museu Théo Brandão da Universidade Federal de Alagoas. A proposta foi contemplada pelos editais na área de patrimônio das Leis de Incentivo à Cultura Paulo Gustavo, em 2023, e Aldir Blanc (PNAB), em 2024, com execução pelo Governo de Alagoas por meio da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa. A execução do projeto foi possível graças à parceria institucional e ao financiamento das Leis de Incentivo à Cultura, consolidando uma política de Estado que valoriza memória, diversidade cultural e patrimônio imaterial de Alagoas.

Desenvolvido entre 2023 e 2025, o projeto constitui um acervo de registros que reforça a importância da documentação e valorização do patrimônio imaterial do estado. A primeira edição concentrou-se na documentação e difusão dos legados de 17 mestres com atuação no interior, abrangendo 15 municípios, resultando em um e-book, publicações no Instagram em formato de Diário de Bordo e matérias no Blog Aqui Acolá Arte. Como contrapartida, foram realizadas ações formativas voltadas a estudantes da rede pública.

Com alto potencial multiplicador, o Entorno dos Mestres consolidou-se como experiência de referência na articulação entre memória, território e sustentabilidade cultural. Sua continuidade em 2025, com o mapeamento de 15 mestres na capital, reafirma o compromisso do projeto com a preservação do patrimônio imaterial e a valorização das culturas populares em toda a sua diversidade. Nesta segunda edição, a mesma metodologia de trabalho foi mantida, permitindo continuidade e ampliação das pesquisas. Os resultados podem ser conferidos nesta publicação, no Diário de Bordo do projeto no Instagram e no Blog Aqui Acolá Arte.

Com o mapeamento concluído, o projeto encerra o ciclo de pesquisa sobre os 33 mestres falecidos reconhecidos pela Lei do Patrimônio Vivo de Alagoas e inicia uma nova etapa voltada à difusão do conhecimento, com ações de compartilhamento e formação que serão desenvolvidas nos próximos anos, ampliando alcance e impacto das informações reunidas.

O Entorno dos Mestres segue fortalecendo o diálogo entre passado e presente, tradição e contemporaneidade, reafirmando que o patrimônio vivo pulsa nos territórios, nas memórias e nas vozes que mantêm a cultura popular alagoana viva e em constante movimento.

Iranei Barreto





AGRADECIMENTOS

Nossos mais sinceros agradecimentos aos familiares, amigos e brincantes que generosamente compartilharam lembranças e experiências vividas ao lado dos mestres. Estendemos também nossa gratidão a Cícero Farias, Josefina Novaes, Pablo Maia e Gustavo Quintella pelo apoio na coleta de informações sobre os Mestres.

Agradecemos ainda à equipe pelo empenho, sensibilidade e dedicação em todas as etapas do projeto, contribuindo para o fortalecimento desta iniciativa de preservação da memória cultural alagoana.



MESTRA ANADE JE MORAIS

Rainha da Herança Cultural da Mestra Vitória

Herdeira direta da Mestra Vitória, uma das mais emblemáticas figuras do guerreiro alagoano, Anadeje Morais cresceu envolta pelos cantos, espadas e chapéus cintilantes desse folguedo. Desde cedo assumiu o compromisso de preservar a tradição criada pela mãe, transformando o legado familiar em caminho próprio. O Guerreiro Leão Devorador, fundado por Vitória ao lado de Jayme de Oliveira, tornou-se o território onde Anadeje construiu sua história, primeiro como Rainha e Lira, depois como guardiã da memória e coordenadora.

Anadeje Morais da Silva nasceu em Matriz do Camaragibe, no dia 25 de setembro de 1955, filha de José Antônio de Morais e de Maria Vitória da Silva. Desde muito pequena, acompanhava a mãe nas apresentações de guerreiro. Contava que, aos quatro anos, já dançava no grupo do mestre Jorge Ferreira, na Chã da Jaqueira, depois no Vencedor Alagoano, de Juvenal Leonardo, quando o grupo ainda se apresentava no Vergel do Lago, além do guerreiro do mestre Adelmo, em Rio Largo, e no da Branca de Atalaia. Cresceu levada pela mãe, que também era brincante, mergulhada nas cores e movimentos dessa tradição.

Quando Vitória criou, junto a Jayme de Oliveira, o famoso guerreiro Leão Devorador, no bairro da Chã da Jaqueira, Anadeje passou a integrar o grupo de forma definitiva. Tornou-se Rainha e Lira, papéis que desempenhava com brilho. Depois do falecimento da mãe, em 2008, assumiu a responsabilidade de conduzir ensaios e apresentações, lutando para manter vivo o legado herdado. Recebeu, em 2011, o título de Patrimônio Vivo de Alagoas, reconhecimento ao trabalho e à persistência diante das dificuldades para sustentar o folguedo. *"Com a chegada desse incentivo, poderei continuar com o guerreiro. Estava ficando difícil, pensei várias vezes em desistir, mas com o primeiro pagamento, providenciarei novas roupas e restaurarei as representações"*, dizia na época, esperançosa.

O Guerreiro Leão Devorador, fundado em 1988, tinha como marca a beleza dos chapéus em forma de igrejas, ornados com fitas, espelhos, lantejoulas e miçangas. Personagens como a Lira, o Índio Peri, as Estrelas de Ouro e do Norte, reis, rainhas e embaixadores enchiam de brilho o espetáculo que unia canto, dança e a tradicional luta de espadas. Os figurinos lembravam a nobreza das antigas cortes, com calções, meias brancas e vestidos cheios de cores e adornos.



Mestra Anadeje ao lado da homenagem a sua mãe Mestra Vitória. Foto: Carlos Alberto

No intervalo entre a reza do divino e a batalha simbólica, a cena ganhava força e beleza, convidando o público a mergulhar no universo encantado do guerreiro.

Carlos Alberto, filho de Anadeje, guarda lembranças que atravessam gerações. Ele recorda que cresceu dentro do folguedo, vendo a mãe evoluir no grupo criado pela avó. *"Quando minha mãe começou no Guerreiro eu nem era nascido ainda, depois deu uma parada e quando a gente veio embora pra Maceió era 1996, foi*

quando ela começou a brincar com minha vó mestra Vitória. Minha vó que já repassou o conhecimento pra minha mãe. Ela começou dançando como caboclinha, igual eu. Era uma coisa incrível crescer dentro do Guerreiro, hoje não temos mais, sinto muita falta, mas era bom. Era uma alegria quando a gente viajava pelos interiores, fazíamos muitas festas. "



Foto: Da internet

O filho lembra também das dificuldades enfrentadas pela mãe para manter o grupo após a morte da mestra Vitória. *"Quando Deus levou minha vó, o Guerreiro Leão Devorador ficou a cargo de minha mãe, mas durou uns poucos anos, porque quando a vó faleceu, minha mãe já não conseguiu continuar com as apresentações. O mais difícil para manter o Guerreiro*

eram os figurantes. Faltavam muitos, as pessoas não queriam mais. No tempo da minha vó a gente viajava, mas com minha mãe era só na capital mesmo. ”

Mesmo antes de adoecer, Anadeje já sentia o peso de levar adiante o folguedo diante do desinteresse dos mais jovens e da falta de novos mestres para cantar ou tocar. O grupo, que já reunira cerca de 30 brincantes de idades variadas, foi perdendo integrantes até que as apresentações se tornaram cada vez mais raras. "A última vez que a gente se apresentou, se não me engano, foi lá no Centro, no calçadão do comércio", recorda Carlos. Depois disso, o Leão Devorador encerrou suas atividades. Entre os poucos objetos preservados, ficaram os chapéus e coroas que simbolizavam a realeza de Vitória e de Anadeje. "O último desejo de minha mãe foi ser enterrada como rainha e eu consegui realizá-lo, deixei ela linda e maravilhosa e fizemos o sepultamento dela. Os mestres também cantaram e fizeram uma homenagem no dia do velório. "

Mestra Anadeje Moraes faleceu em 2 de março de 2023, aos 67 anos, deixando um legado que atravessa a memória de sua comunidade e a história do Guerreiro em Alagoas. Foi homenageada por mestres e companheiros de folguedo, que reconheceram o valor de sua trajetória. A ASFOPAL destacou, em nota, que sua



partida representava a perda de mais uma guardiã da tradição. A Secretaria de Estado da Cultura lamentou o "vazio irreparável na cultura alagoana".

A vida de Anadeje foi dedicada à transmissão do conhecimento herdado da mestra Vitória, mantendo viva a dança que mistura fé, história e beleza. Mesmo diante das dificuldades, ela soube honrar o título de Patrimônio Vivo, preservando, até onde pôde, o Guerreiro Leão Devorador. A sua presença permanece nas memórias daqueles que compartilharam com ela o palco, as viagens, as lutas de espadas e o brilho dos chapéus, lembrando que o guerreiro não é apenas um folguedo, mas um elo entre gerações.



Foto: Acervo Asfopal



MESTRA ÁUREA BARROS

A Dama do Pastoril Alagoano

Figura marcante da cultura popular alagoana, Mestra Áurea dedicou quase toda a sua vida ao Pastoril. Com disciplina, fé e uma paixão inabalável, formou gerações de meninas que aprenderam com ela não apenas a dançar e cantar, mas também a carregar consigo o orgulho das tradições. Sua história é também a história de resistência do Pastoril em Alagoas.

Nascida em Satuba, em 19 de março de 1919, Áurea de Barros Tavares, filha de Nicácio Alves de Araújo e Áurea de Barros Tavares, começou cedo sua relação com o Pastoril. Aos cinco anos já dançava como borboleta e, aos treze, fundou o primeiro grupo, o Pastoril Mensageiras de Fátima, no povoado Saúde. A partir dali sua vida se confundiu com a história desse folguedo.

Ao chegar ao bairro da Pitanguinha, em Maceió, na década de 1960, deu continuidade ao grupo Mensageiras de Fátima, recrutando novas integrantes. Em relato feito a Josefina Novaes, ex-presidente da Asfopal, Mestra Áurea recordou: *"Meu pastoril é muito antigo, a menina que dançou de borboleta no primeiro grupo que formei já é bisavó, e tem um rapaz que foi pastor e hoje é padre. Duas antigas pastoras que moram em São Paulo formaram um pastoril que é um sucesso e vieram me agradecer por tudo que eu ensinei para elas. Gosto de escolher com muito cuidado as meninas que dançam no meu pastoril, são sempre bonitas e responsáveis."*

Mestra Áurea também passou a ensaiar com alunas do CEPA, contribuindo para a formação de novos pastoris em escolas estaduais. *"Por muitos e muitos anos a Mestra Áurea formou pastoril nas escolas e ela dizia com orgulho que a neta do primeiro pastoril que ela formou estava dançando ainda no pastoril com ela. Tinha uma preocupação das meninas serem bem bonitas, com as pernas bem grossas, e ela tinha jornadas de autoria dela que eram maravilhosas. Do período em que eu trabalhei na Secretaria de Cultura, a referência do Pastoril em Alagoas era Mestra Áurea. Tínhamos outros grupos, mas todos eles bebiam na fonte da Mestra Áurea"*, destaca Josefina.

Além do pastoril, Mestra Áurea ensaiava coco de roda e a tradicional quadrilha junina "Alegria do Sertão", com todos os detalhes originais, desde o casamento

matuto, os vestidos simples e bem enfeitados de picos e rendas, até os chapéus de palha dos cavalheiros. Seus ensaios aconteciam na garagem de sua residência no Conjunto José Maria de Melo e na Escola Estadual Irene Garrido. Seus grupos tornaram-se referência do folclore alagoano, recebendo prêmios e honrarias por onde se apresentavam, em Campina Grande (PB), Fernando de Noronha (PE), Recife (PE) e em seminários e congressos.

As pastoras e Dianas que viveram a experiência de estar ao seu lado confirmam



Mestra Áurea e Leila Carvalho. Foto: Acervo de Leila Carvalho

o poder de transformação em suas vidas pessoais e profissionais. "Participar como Diana do Pastoril de Mestra Áurea foi uma honra para mim, assim como uma grande responsabilidade. Em cada ensaio era sempre alegria e, em cada apresentação, uma aula de amor, arte e devoção. O que mais me marcou foi a disciplina aliada ao carinho. Ela nos mostrou que o Pastoril não é apenas dança e canto, mas também fé e resiliência. Foram momentos únicos e maravilhosos ao lado da Mestra, que sempre estarão guardados na minha memória", relembra Leila Carvalho, última Diana de Mestra Áurea.



Mestra Áurea ao lado de Simone Lopes.
Foto: Acervo de Simone Lopes

A trajetória de Simone Lopes com a mestra começou quase por acaso, quando entrou em um grupo formado pela associação de moradores do seu conjunto. Logo no início, Dona Áurea foi convidada a assumir os ensaios e, ao perceber o talento da menina, a chamou para o Pastoril Mensageiras de Fátima. Simone cresceu observando a rotina intensa de entrevistas, ensaios e apresentações, compreendendo aos poucos que o Pastoril era muito mais do que uma dança, era cultura, tradição e história. Ela recorda que o amor da mestra pelo folclore transbordava em cada gesto e que, para ela, o Pastoril não era apenas um espetáculo, mas uma missão. Levar a dança aos colégios, formar novos grupos e despertar o orgulho pelas raízes era sua forma de assegurar que a tradição não se apagasse.

"Quando entrei no Pastoril aos 7 anos eu não tinha consciência da grandiosidade de Dona Áurea. Fui crescendo, observando a quantidade de apresentações e, aos poucos, entendi o que significava estar ali. O Pastoril não era apenas dança, era tradição, era a história do nosso estado. O que mais me marcou foi o amor que ela tinha pelo folclore, era algo que transbordava nela. Ela enxergava o Pastoril como missão. Enquanto teve saúde, se manteve fiel a esse propósito. Aprendi com ela o valor da entrega, do compromisso e o orgulho de fazer parte da nossa cultura", comenta Simone. "O Pastoril que ela conduzia não era apenas um espetáculo, era a representação viva da nossa tradição e da nossa fé. Durante 13 anos da minha vida eu estive nesse grupo, e a maior parte como Diana, representando as cores azul e encarnado. Era mais que uma dança, era carregar um símbolo da nossa identidade", conclui.

RECONHECIMENTO E LEGADO

Em 2008, Mestra Áurea recebeu o título de Patrimônio Vivo de Alagoas, além do Prêmio de Culturas Populares Humberto Maracanã, do Ministério da Cultura. "Tenho certeza que mereço tudo isso e até mais. Fiquei viúva aos 27 anos, com



uma filha para criar, mas dediquei toda a minha vida a estes grupos. Se eu deixar, é o fim da minha vida", comemorou na ocasião.

Mestra Áurea também era firme defensora da cultura popular e participou da Asfopal desde a fundação. *"Alagoas tem uma das culturas mais ricas do Brasil, mas não é valorizada à altura que merece pelas autoridades. Nossa cultura ainda não morreu porque existem mestres teimosos como eu"*, costumava dizer nas reuniões da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas.

"Eu acredito que o legado da Mestra Áurea é um convite para que novas gerações se orgulhem de suas raízes. Seu exemplo mostra que é possível preservar a tradição e ao mesmo tempo renovar o seu sentido, na vida e em cada jovem que chega ao grupo. O título de Patrimônio Vivo não é apenas dela, mas de toda a comunidade que aprendeu com seu trabalho e mantém viva a chama da cultura popular alagoana. Desde jovem a Mestra Áurea dedicou a vida dela à cultura, isso era o que a deixava mais feliz e viva, e sempre estava presente na vida de cada uma de nós, fortalecendo a cultura até o fim. A vida dela era o Pastoril Mensageiras de Fátima, e eu sou muito grata pelo tempo que passamos juntas, por todo o aprendizado que a gente leva para a vida inteira", comenta Leila.

"Participar do Pastoril de Dona Áurea foi, sem sombra de dúvidas, uma das experiências mais marcantes da minha vida e eu só fui ter a verdadeira dimensão disso anos depois. Mas desde o início já era algo que me transformava totalmente. Hoje reconheço que ter feito parte desse grupo conduzido por Dona Áurea foi um privilégio imenso, porque tive a oportunidade de aprender com alguém que é Patrimônio Vivo de Alagoas e de estar dentro de uma tradição tão significativa para o nosso estado", revela Simone. *"O legado de Dona Aurea é imenso. No campo cultural, ela foi fundamental para fortalecer a identidade do nosso estado. O amor que ela tinha pelo folclore alagoano era grandioso, e um legado que ficou na minha vida é que muito do que eu sou hoje veio dos ensinamentos que tive com ela. Cresci dentro desse ambiente que não só preservava a cultura, mas também formava caráter. Acredito que é justamente isso que a nossa juventude precisa, resgatar valores, fortalecer a identidade cultural e espiritual e se inspirar em exemplos como o de Dona Áurea. O legado*

“ela continua vivo no Pastoril, na cultura alagoana e em cada vida que ela tocou. Tenho certeza de que as novas gerações precisam conhecer mais o que ela fez para serem impactadas por tudo que construiu. E ela continua aqui, viva. Morro de saudade”, conclui.

O legado de Áurea Barros ultrapassa os limites do Pastoril. Para suas discípulas, como Simone e Leila, ela transmitiu lições de disciplina, respeito, fé e, sobretudo, paixão pela cultura popular. Para todos, permanece como símbolo de resistência e vitalidade da memória coletiva. Mestra Áurea faleceu em 1º de dezembro de 2013, aos 94 anos, deixando um rastro de saudade. Mas sua voz grave, entoando jornadas, continua ecoando como lembrança viva de uma mulher que fez do Pastoril sua vida e da vida um testemunho da força do folclore alagoano.



Pastoril Mensageiras de Fátima. Foto: Acervo da Asfopal



MESTRE ARTUR MORAES

Guardião da memória do **Guerreiro alagoano**

A voz, que um dia entoou versos com força e paixão, permanece apenas nas lembranças daqueles que acompanharam sua trajetória. Mestre Artur Moraes dos Santos atuou por mais de 70 anos no Guerreiro alagoano. Ele preservou com rigor a tradição, transmitindo saberes a amigos, alunos e pesquisadores.

Nascido em 8 de outubro de 1925, em Fernão Velho, filho de Manuel Moraes e de Antônia Francisca da Conceição, passou parte da infância em Satuba, onde ajudava nas olarias produzindo tijolos e telhas. Desde menino demonstrou fascínio pelas festas que movimentavam os bairros de Maceió. Cícero Farias, ex-presidente da Asfopal, recorda que ele dizia ter se apaixonado pelo Guerreiro quando via os mestres chegando às ruas de Fernão Velho ou Bebedouro, animando o povo com cores e cantorias.

O primeiro contato com a brincadeira veio aos dez anos, no grupo de Manoel Vicente, no antigo povoado Carrapato, atual Rio Novo. Começou como bandeirinha e depois atuou como embaixador, aprendendo com veteranos como Manoel Lourenço, João Inácio, Jorge Ferreira, Artur Bozó e Alfredo. Também no Pilar e em Maribondo teve o aprendizado decisivo, ao lado de Joana Gajuru e de mestre Laurentino, que o incentivaram a assumir o comando de um grupo. Mais tarde mudou-se para Maceió, passando pelos bairros Ponta Grossa e Clima Bom, até firmar morada na Chã da Jaqueira. Ali, junto de Pedro Lins, ajudou a consolidar o Guerreiro Santa Isabel, onde seu nome se tornaria referência.

Comprometido e exigente, mestre Artur percorria léguas a pé para apresentar o grupo em povoados e cidades, quando não conseguia uma carona em caminhões ou tratores. *"Ele era muito sério e competente no seu Guerreiro"*, recorda Cícero Farias, destacando o timbre potente, a pisada firme e a capacidade de mestrar por mais de uma hora sem perder o fôlego. Os trajes, bordados com espelhos, lantejoulas e miçangas, sempre lhe mereceram cuidado especial, pois acreditava que a beleza da indumentária era parte do respeito à tradição.

Josefina, que também presidiu a Asfopal, destaca as inúmeras qualidades artísticas de seu trabalho. Para ela, Artur tinha um talento raro, com uma voz

“divina” que preenchia cada peça do Guerreiro Santa Isabel. Mesmo analfabeto, criava versos e coreografias elaboradas, revelando inteligência e sensibilidade. Mais tarde enfrentou o drama de um câncer de garganta, que quase lhe retirou a fala. *“Era uma pessoa de uma inteligência, apesar de não saber escrever o próprio nome, mas fazia peças encantadoras”*, lembra Josefina.

O músico e pesquisador Gustavo Quintella também traz lembranças afetivas. Conheceu-o no fim dos anos 1990, quando o Professor Ranilson França reunia mestres na Secretaria de Cultura, na Rua Pedro Monteiro. Ali, impressionou-se com a precisão melódica de Artur, que, a pedido, cantou um maracatu. A partir daí, passaram a se encontrar para gravações. Gustavo guarda fitas e registros raros, incluindo um vídeo feito no dia em que o levou ao hospital para tratar um câncer no pulmão. Mesmo debilitado, Artur entoou uma cantiga antiga sobre um bicho das canas, demonstrando a coragem de quem não se afastava de sua arte. *“Era uma pessoa muito bacana, dessas que são especiais”*, afirma o pesquisador.

RECONHECIMENTO

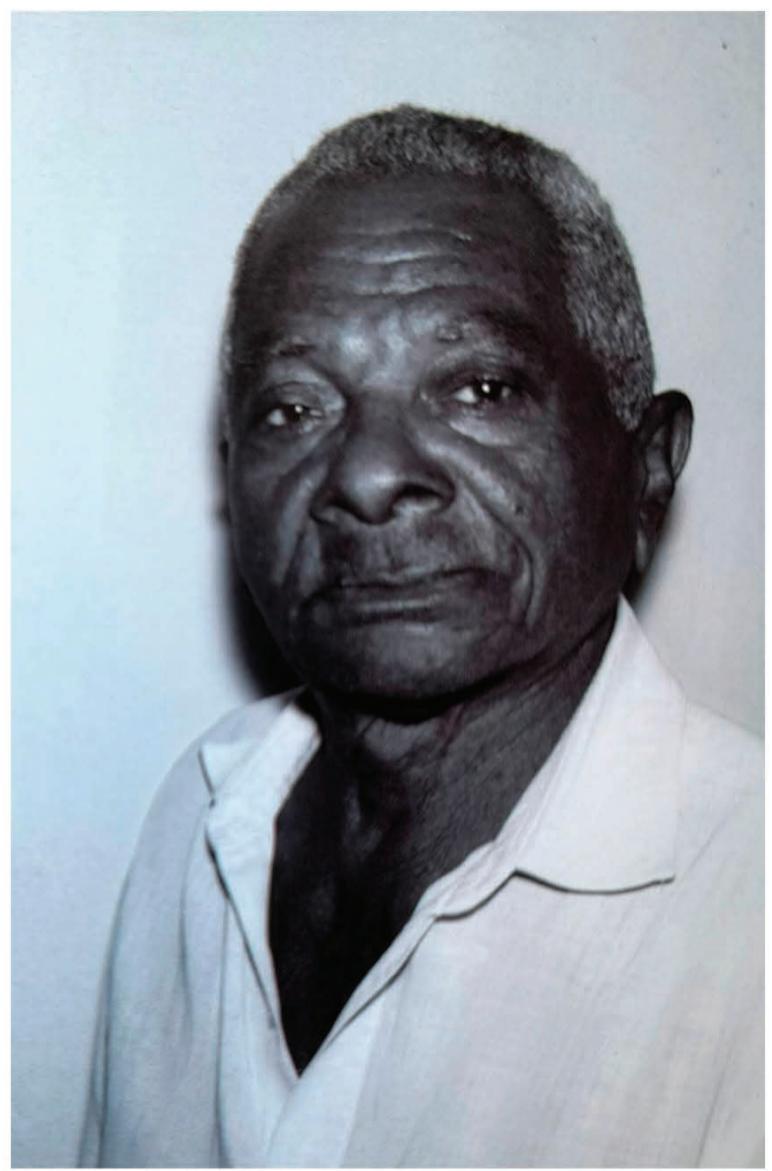
Ao longo de mais de sete décadas, Artur brincou em vários grupos, mas foi no Guerreiro Santa Isabel que recebeu o título de Patrimônio Vivo de Alagoas, em 2011. A honraria consagrou uma vida dedicada à preservação do folguedo, sustentada por disciplina e amor à cultura popular. Ele transmitia aos mais jovens os segredos das danças, dos toques, das músicas e do preparo das roupas, zelando para que cada detalhe permanecesse fiel ao legado dos antigos mestres.



Mestre ao lado da Mestra Víginia. Foto: Da internet

Mesmo quando a saúde começou a fraquejar, mantinha-se presente nas rodas. Após complicações de pulmão, a voz enfraqueceu, mas a memória continuava intacta, repleta de histórias. Ele gostava de recordar o tempo em que viajava com amigos para Recife ou Fortaleza, levando o Guerreiro a outros palcos, e também se orgulhava da amizade com mestres como Juvenal Domingos. Costumava dizer que a alegria de dançar superava qualquer dificuldade.

Artur Moraes morreu aos 95 anos, no dia 18 de maio de 2020, deixando uma herança que atravessa gerações. A sua figura permanece viva no imaginário das comunidades que o viram brilhar. Nos versos resgatados, nas coreografias criadas e na disciplina ensinada está a marca de um verdadeiro guardião do Guerreiro alagoano, alguém que fez da brincadeira um compromisso com a memória coletiva e com a beleza de um folguedo que resiste ao tempo.



Fonte: Acervo Asfopal

Nome completo: Artur Moraes dos Santos

Conhecida como: Mestre Artur Moraes

Atividade reconhecida: Mestre de Guerreiro

Nascimento: Fernão Velho, Maceió - 08/10/1925

Localidade onde atuou: Região Metropolitana de Maceió

Patrimônio vivo de Alagoas: 03/08/2011

Falecimento: 18/05/2020 (Aos 95 anos)





PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-artur-de-moraes>



Foto: Da internet



MESTRE BENON

O Treme-Terra de Alagoas

Figura icônica do folguedo alagoano, Mestre Benon dedicou mais de seis décadas ao Guerreiro, deixando uma herança cultural que ultrapassa fronteiras. Criador do grupo *Treme-Terra de Alagoas*, ele adotou o estado como sua casa e transformou a Chã de Bebedouro em um centro vivo de tradição, arte e aprendizado.

Natural do Cabo, em Pernambuco, Benon chegou criança a Alagoas. Foi em Cajueiro que, ainda menino, conheceu o Guerreiro e se encantou pelos seus personagens, músicas e danças. Aos sete anos já participava das rodas e, aos dez, assumiu o papel de caboclinho no grupo da mestra Joana Gajuru. Com o tempo, tornou-se vassalo, índio Peri e embaixador, até alcançar o posto de mestre, função que ele próprio dizia ter aprendido sozinho, observando, experimentando e ouvindo histórias de mestres mais velhos.

A religiosidade sempre atravessou sua trajetória. Durante a adolescência, viveu em Salvador, onde tocou tambor em um centro de Umbanda, experiência que fortaleceu seu vínculo com os elementos simbólicos do Guerreiro. Benon costumava contar que recebeu um apito da cabocla Iracema, entidade que o orientava antes das apresentações, pedindo que ele se lembrasse de Deus e da proteção espiritual antes de conduzir o grupo. Mesmo quando o apito deixou de funcionar, ele o manteve guardado, considerando-o abençoado.

TREME-TERRA DE ALAGOAS

Na década de 1980, fundou o *Treme-Terra de Alagoas*, um dos mais respeitados grupos do gênero. Com cerca de 35 integrantes, o Guerreiro de Benon reunia dançarinos, músicos e aprendizes da própria comunidade. Ele acreditava que, para o folguedo brilhar, era preciso envolver muitas pessoas. Por isso, abriu as portas de sua sede para jovens, estudantes e curiosos, oferecendo oficinas de canto, dança e confecção de chapéus, peças que ele mesmo produzia com destreza e vendia para o mundo, chegando a exportar enfeites para Estados Unidos, Japão e Europa.

O *Treme-Terra* tornou-se referência também pelo vigor das apresentações. Era famoso o momento do *trupé*, quando os brincantes batiam os pés no chão acompanhando o ritmo acelerado dos instrumentos, tantas vezes derrubando palcos improvisados. Entre rezas ao Divino e lutas de espada, o espetáculo ganhava energia contagiante, misturando o sagrado, o profano e o lúdico.

Além do Guerreiro, Mestre Benon liderava o *Trio Mordido do Poico*, animando festas de forró com sua sanfona. Multifacetado, dizia ser "instruído em 29



Participação no programa "IZP no São João de Alagoas". Foto: Nicollas Serafim

profissões" e orgulhava-se de nunca ter medo do trabalho. Em suas palavras, "em Alagoas só passa necessidade quem tem preguiça, porque tem peixe, sururu, siri, caranguejo, tem de tudo".

RECONHECIMENTO

O reconhecimento oficial veio em 2006, quando foi inscrito no Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas. A lei garantiu a ele uma bolsa vitalícia, recurso que destinava à manutenção do grupo com a compra de materiais, reformas na sede, pagamento de instrumentistas e apoio aos brincantes. Ainda assim, reclamava dos atrasos no repasse, preocupado em manter as vestimentas e músicos que completavam a beleza do Guerreiro.

Nos últimos anos de vida, enfrentou problemas de saúde, o que levou à suspensão temporária dos ensaios do *Treme-Terra* em 2014. Mesmo debilitado, continuou participando de eventos, como exposições de chapéus de Guerreiro, sempre atento à importância de transmitir seu saber. Em abril de 2016, aos 79 anos, faleceu no Hospital Geral do Estado, vítima de complicações de uma hemorragia causada pela Chikungunya. O velório e sepultamento ocorreram em Murici, interior de Alagoas, cercados por familiares, amigos e brincantes.

LEGADO

A memória de Benon permanece viva entre aqueles que partilharam sua jornada. Para Marlene, que brincou no grupo, "Ele era uma ótima pessoa, muito atencioso com todos os trabalhos que ele tinha no Guerreiro dele, e muita gente brincava. Era muito legal porque a gente brincava na Praça Lucena Maranhão, era muito bom nessa época, principalmente no mês do folclore e nos finais de ano".

Já Maria Dalva, também brincante do *Treme-Terra*, recorda os tempos de apresentações. "Quando ele precisava a gente ia brincar, eu era figura do

Guerreiro. Nessa época não tinha carro fácil pra levar a gente, então nós íamos e voltávamos de ônibus até a Chã de Bebedouro. A vida era essa, a gente se apresentava na Praça Lucena Maranhão".

Após sua partida, o filho, Cícero Pinto da Silva, o Mestre Peitika, assumiu o compromisso de manter vivo o legado paterno. *"Meu pai sempre falava pra mim: 'Meu filho, qualquer dia que eu for embora, que Deus me levar, você vai tomar conta do meu Guerreiro'. E eu dizia que meu negócio era forró... mas fui sentindo que precisava colocar o Guerreiro pra frente. E o Guerreiro continua o mesmo, o Treme-Terra, só mudou de mestre Benon para mestre Peitika".*

Mestra Vânia, parceira na continuidade do trabalho, relata: *"Quando Mestre Peitika falou que ia voltar com o Guerreiro do pai, me enchi de alegria porque é uma coisa que vem de dentro da gente. Disse a ele que o que precisasse da minha parte, da minha contribuição, eu faria. Conseguí um espaço no Teatro Deodoro e dividi o horário, uma hora e meia para cada, eu ensaio com o Pastoril e as Marisqueiras, e ele com o Treme-Terra".*

Benon também foi personagem de documentários e registros importantes, entre



eles o filme "Mestre Benon: O Trem Terra", de 2006, dirigido por Nicolle Freire e Celso Brandão. Sua figura permanece na lembrança dos que o conheceram como um homem de riso largo, firmeza na condução do folguedo e enorme carinho pelos seus brincantes.

Mais que um mestre, Benon foi guardião de um pedaço essencial da alma alagoana. Seu Guerreiro, com sua força e alegria, segue ecoando, lembrando que a tradição vive quando encontra mãos dispostas a moldá-la, preservá-la e reinventá-la.



Trio Mordido do Poico. Fonte: Mestra Vânia



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-benon>



Foto: Da internet



MESTRE CICINHO

O Artesão do Guerreiro

Herdeiro da tradição do Mestre Nivaldo Abdias, José Cícero Abdias Bonfim, mais conhecido como Cicinho, revelou desde cedo uma dedicação incomum aos ensinamentos do pai e do Mestre Adelmo, por quem nutria profunda admiração. Foi uma criança precoce e sensível à cultura popular, aos dez anos já dançava no Guerreiro do Mestre Adelmo, em Atalaia, e ajudava o pai na confecção dos chapéus que dão brilho ao folgado, peças reconhecidas pela complexidade e pelo custo elevado.

O talento e a dedicação o levaram a criar chapéus que se destacavam pela beleza e pela riqueza de detalhes. Tornou-se um nome de referência nesse ofício. Josefina Novaes, pesquisadora do tema, lembra que ele preferia trabalhar em silêncio, recolhido na própria timidez, concentrado no manuseio de arames, contas e fitas coloridas. Essa dedicação se refletia na diversidade e no equilíbrio de suas criações.

Em depoimento à pesquisadora, Cicinho contou que o Mestre Adelmo lhe ensinou a importância de manter a harmonia nas peças. Ele afirmava que o traje do Guerreiro precisava estar em perfeita harmonia, mesmo que cada chapéu fosse único. *"Tudo que faço é com muito cuidado, nada pode estar fora do lugar. É como um filho, que nasce com a missão de animar a brincadeira, valorizando a figura e mostrando o que cada um representa no Guerreiro"*, disse. Josefina destaca ainda que Cicinho ousou em escolhas de materiais, substituindo papel por tecido e no uso da área brilhante, o que dava um caráter único ao resultado final.

O irmão Everaldo Bomfim lembra que o mais velho, Erivaldo, começou a confeccionar chapéus antes dos outros, e que ele e Cicinho aprenderam observando. *"Fazíamos miniaturas enquanto ele produzia os grandes. Depois crescemos e Cicinho seguiu firme, realizou muito em pouco tempo"*, recorda. "Além dele, tenho meus dois irmãos, Everaldo e Erivaldo, que também trabalham com chapéus de Guerreiro. Para nós da família, é sempre uma festa quando estamos juntos no Guerreiro", comenta a irmã Iraci.

Já em Maceió, a irmã Salete passou a colaborar com ele. *"Na época eu ia pra ajudar ele a fazer os chapéus, prestava atenção no que ele dizia, no que ele*

ensinava. E eu aprendi, ele era muito inteligente. O que ele imaginava na cabeça ele conseguia fazer. Recortava o chapéu do jeito que ele queria, da imaginação dele e a gente ia fazendo,” conta.

Além de criar os adereços para os Guerreiros da família, Cicinho compartilhou seu conhecimento ministrando aulas sobre a confecção dos chapéus na Oficina Laboratório Vivo, no Centro de Belas Artes de Alagoas. Ele também foi vice-presidente da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas, a Asfopal.

“Pra mim é um orgulho muito grande ser sobrinho dele”, diz Ailton Bomfim. “Ele



Foto: Acervo da família

aprendeu com um dos melhores mestres, que foi meu avô Nivaldo, e eu tive a sorte de aprender um pouco sobre fazer chapéus de Guerreiro com Cicinho. Eu observava de longe, fingindo que não estava olhando, mas prestando atenção em cada detalhe do que ele fazia no ateliê. Sempre tive medo de tentar e não conseguir, mas há pouco tempo criei coragem e não parei mais. Ele trabalhava muito bonito, eu prestava muita atenção no que ele fazia.”

MESTRE DE GUERREIRO

Além de artesão, Cicinho também era brincante de Guerreiro, interpretando o Índio Peri e acompanhando o Mestre Nivaldo Abdias nos diversos grupos de Guerreiro em que ele atuou. Por muitos anos dançou no “Barreira Pesada”, criado por sua irmã Iraci Bonfim, até integrar de forma definitiva o “Campeão do Trenado”, no bairro da Chã da Jaqueira, fundado por seu pai, Mestre Nivaldo Abdias.

Após o falecimento do pai, assumiu a liderança do Guerreiro “Campeão do Trenado” ao lado da irmã Iraci, mantendo vivo o legado da família com firmeza e paixão.

CICINHO FOI UM MESTRE QUE DEU CONTINUIDADE AO TRABALHO DE NOSSO PAI, QUE QUANDO FALECEU PEDIU PARA QUE ELE NÃO DEIXASSE ACABAR A CULTURA DO GUERREIRO. E ELE TEVE ESSE PRAZER, ELE SEGUIU OS PASSOS DO MEU PAI. DEPOIS QUE MEU PAI FALECEU, ELE PASSOU ACHO QUE UNS QUATRO ANOS COMO MESTRE APENAS”, RECORDA EVERALDO.

"Ele já trabalhava junto com a gente e, depois que papai faleceu, passou a ser mestre também. Eu fiquei junto com Cicinho nesse Guerreiro que era de papai", acrescenta Iraci.

"A recordação mais marcante que eu tenho dele foi quando eu o vi pela primeira vez mestrando o Campeão do Trenado lá em Canafístula. Foi quando eu vi realmente que ele queria levar a tradição para frente. Não é fácil você sair representando 35, 40 pessoas no meio do mundo. Ele quis dar continuidade ao que meu avô deixou, e ele deu", recorda Ailton.



Foto: Acervo da família

Nome completo: José Cícero Abdias Bonfim

Conhecido como: Cicinho

Atividade reconhecida: Artesão

Nascimento: Maribondo - 03/07/1969

Localidade onde atuou: Maceió

Patrimônio vivo de Alagoas: 19 de agosto de 2010

Falecimento: 14 de junho de 2016

"Depois que papai faleceu ele ficou cantando de mestre, só que ele achou cansativo cantar sozinho, aí chamou pra cantar com ele o Pedro Lavandeira, que faleceu ano passado. Quando meu pai cantava, Cicinho era o índio Peri. Depois disso, Cicinho faleceu e agora quem canta é minha irmã Iraci, e eu também fiquei nessa parte", comenta Salete.

RECONHECIMENTO



Foto: Acervo Asfopal

Seu talento e compromisso com a cultura o levaram a ser reconhecido, em 2010, aos 41 anos, como Mestre do Patrimônio Vivo de Alagoas. Ele foi um dos mais jovens a receber essa honraria e, infelizmente, também o mais jovem entre os Mestres reconhecidos a falecer até hoje.

"Depois que papai faleceu, ele foi reconhecido como Mestre do Patrimônio Vivo. Cicinho não teve filhos. Ele dançava, cantava e confeccionava os chapéus. Quando recebeu o reconhecimento, eu estava morando no sertão, em Girau do Ponciano, e vi tudo pela televisão. Ele ficou muito grato, agradeceu bastante e, ao chegar em casa, foi agradecer a Deus. Era muito devoto. Os chapéus dele eram decorados com santos", recorda Iraci.

"Lembro que nós o parabenizamos por mais essa conquista, porque ele era uma pessoa extremamente dedicada em tudo o que fazia. Trabalhou com cultura popular até o fim da vida. Ele ensinava como fazer os chapéus, tanto nas escolas para as crianças quanto no Cenarte para os idosos", acrescenta Ailton.

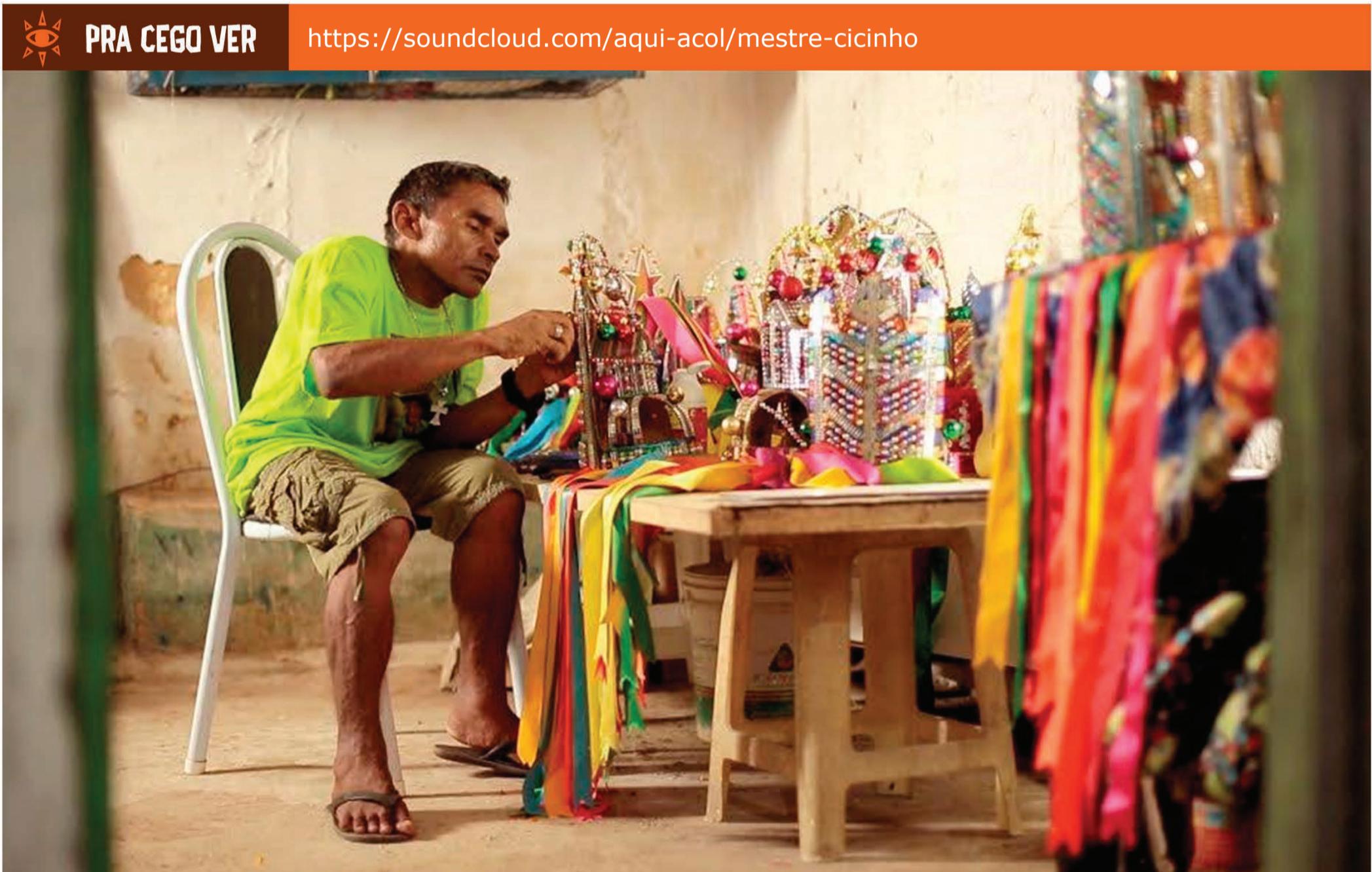
Everaldo também recorda a alegria e a dedicação do irmão. *"Quando foi reconhecido, ele ficou muito feliz, muito alegre. Nós éramos muito unidos. Ele cuidava da minha filha quando eu precisava viajar para trabalhar de motorista. Sempre compartilhávamos nossos problemas. Nos meus acidentes, era o primeiro a chegar. Ele era deficiente, mas isso nunca atrapalhou nada. Fazia tudo, corria atrás de tudo e enfrentava tudo com muita tranquilidade. O que ganhava era para ajeitar os enfeites e, no fim do ano, viajava pro sertão para dançar Guerreiro nas cidades."*

FALECIMENTO

Assim como um cometa, Mestre Cicinho deixou sua marca de forma breve e intensa. Partiu aos 47 anos, vítima de um AVC hemorrágico, deixando uma lacuna profunda entre familiares, amigos e admiradores da cultura popular alagoana.

"Ele dava aula lá no Cenarte de Artesanato de Guerreiro, e a gente já imaginava que ele estava com algum problema. Um dia, ligaram avisando que ele estava internado com suspeita de derrame. Mas pra mim, ele já tinha partido. Ele era muito comportado, a vida toda gostou de trabalhar com o pai. Para qualquer canto, o pai chamava ele. Era um menino bom, muito quieto. Eu senti muito a morte dele, fiquei sem mão, sem pé, sem nada, " comenta emocionada Dona Creuza, sua mãe.

Depois de sua partida, irmãos e sobrinhos continuaram o legado, mantendo viva a tradição do guerreiro e de confeccionar chapéus. Em cada criação, a memória de Cicinho pulsa nas mãos da família, como uma herança transmitida no fazer.



Cena do filme "Guerreiros", dirigido por Arilene de Castro. Foto: Acervo da família.



MESTRE JAÇANÃ

Entre Rimas e Pandeiros: O Voo do Mestre

Severino João da Silva, o Mestre Jaçanã, nasceu no sítio Brejinho, em Panelas, Pernambuco. A música fez parte de sua vida desde a infância, marcada pelo ambiente familiar de tradição musical. O avô tocava viola, o pai dominava o harmônico, e foi cercado por essa atmosfera que o pequeno Severino começou cedo a acompanhar os irmãos nas festas da região. Aos sete anos já se arriscava no forró, tocando pandeiro em aniversários, casamentos e celebrações nos sítios.

Foi aos doze anos que sua trajetória tomou novo rumo. Inspirado por cantadores como Zé Vieira, de Cupira, e atento às emboladas que ecoavam nas feiras onde o pai vendia caldo de cana, Jaçanã descobriu seu verdadeiro destino. Encantado com as disputas de improviso, passou a frequentar as rodas e, ainda estudante, começou a cantar embolada. *"Meu pai vendia caldo de cana na feira e lá os cantadores faziam aquelas emboladas na feira e eu saia do estabelecimento e ia ver a rodada, prestava atenção de como era a coisa. Eu já tinha uma prática boa no pandeiro e no repente, mas no início, com as rimas foi difícil"*, recordava o mestre. Mas o talento, a dedicação e a prática com o pandeiro fizeram dele um cantador nato.

Aos vinte anos, já profissionalizado, começou a viajar pelo Brasil, levando sua voz e o pandeiro para praças, feiras, festas religiosas e políticas. Desde 1998 tornou-se presença constante em festivais de repentistas e emboladores, como o Festival de Repentistas e Emboladores de Brasília, onde todos os anos marcava presença.

RAÍZES EM MACEIÓ

As andanças levaram Jaçanã por outras regiões de Pernambuco, Sergipe, Brasília e São Paulo, mas foi em Maceió que encontrou sua morada definitiva. Foi na capital alagoana que fez amigos, criou raízes e consolidou sua arte. A decisão de se fixar no estado aconteceu quando foi contratado para tocar na campanha política de Suruagi e Guilherme Palmeira, experiência que marcou sua ligação

definitiva com a terra que adotaria como lar. "Gosto demais desse lugar e tenho muitas histórias para contar de Alagoas. Minha vida artística se iniciou em Pernambuco, mas vai acabar em Alagoas", comentava.

A vida, no entanto, nem sempre foi fácil. Ao chegar em Maceió, muitas vezes não tinha dinheiro para hotel e passava a noite na rodoviária. Também enfrentava os desafios de uma miopia degenerativa que, ao longo do tempo, comprometeu fortemente sua visão. Apesar disso, não abandonou a música e fez dela sua força. "Mesmo se eu não cantar mais na rua, nas festas, continuo cantando em casa.



Participação no programa "IZP no São Joao de Alagoas". Foto: Nicollas Serafim

Enquanto Deus me permitir e tiver voz e esse pouco de visão, vou continuar cantando e tocando. Meu pandeiro e eu somos uma dupla inseparável", repetia com orgulho.

RECONHECIMENTO

Em 2011, aos 53 anos, Jaçanã foi inscrito no livro de Registro como Patrimônio Vivo de Alagoas, ao lado dos amigos Jorge Calheiros e João de Lima. O título reconheceu mais de quatro décadas de dedicação à embolada, ao repente e ao pandeiro. A vitória veio, segundo ele, para coroar tantos anos de dedicação. *"Sei que fui contemplado porque mereci, por todo o tempo dedicado à minha arte"*, disse em reportagem.

A honraria recebida por Jaçanã também foi consequência do seu compromisso em transmitir conhecimento. Ele ensinou gerações de jovens, compartilhando não apenas música, mas também rima, ritmo e entonação de voz. *"Já ensinei jovenzinhos ainda com voz fina; eu até tinha que afinar minha própria voz para acompanhá-los. Hoje, todos estão crescidos, são pais de família e profissionais"*, recordava com satisfação. Além de ser mestre nas praças e escolas, gravou três CDs e levou sua arte a diversas cidades de Alagoas e de outros estados do Brasil.

A relação com Alagoas foi de amor profundo. Foi aqui que, além de construir vida pessoal e profissional, se tornou figura marcante em espaços culturais. Em 2017, na 7ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, dividiu o palco com outros patrimônios vivos, como Zeza do Coco e Jorge Calheiros, levando a embolada a novos públicos.

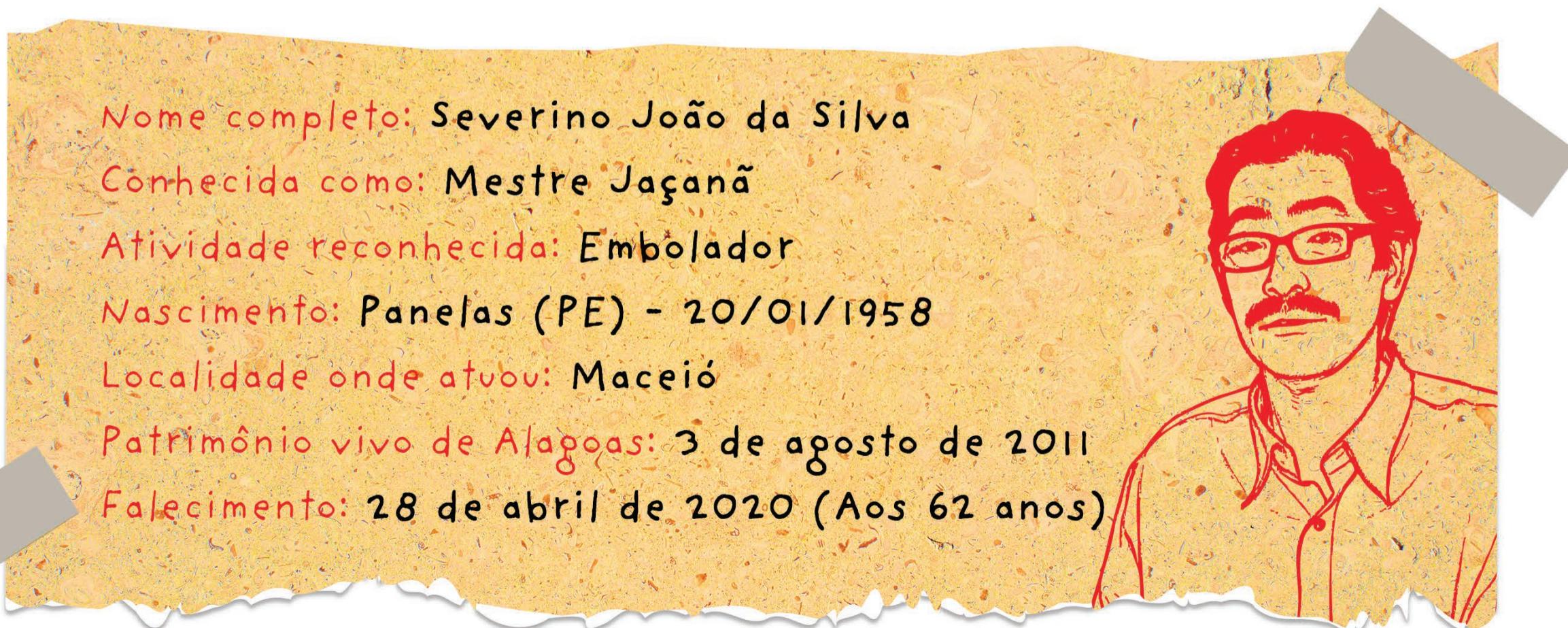
O ADEUS E A PERMANÊNCIA DO CANTO DE JAÇANÃ

Durante a pandemia, a notícia de sua morte, após complicações de uma cirurgia em Recife, chegou aos amigos por meio de um de seus filhos. A despedida foi

sentida em Alagoas, terra que ele adotou como lar e onde deixou fortes raízes culturais.

Quem conviveu com ele guarda lembranças de generosidade, talento e parceria. "Eu conheci Jaçanã na praia, antes dele ser Patrimônio Vivo, porque ele ia sempre cantar lá com a viola ou com o pandeiro pra ganhar o dinheiro dele. Fizemos um show juntos chamado *Juntos e Misturados*, com cinco poetas, e conseguimos encher o Teatro Deodoro. Ele também me ajudou num projeto em escola, ensinando cordel e embolada para alunos carentes. Era muito dedicado. Até me incentivou a escrever uma poesia chamada "Amor Eterno", em homenagem à minha esposa que faleceu. Eu agradeço muito a Jaçanã, que era um repentista fantástico, rimava muito bem, fosse no pandeiro ou na viola", declara Jorge Calheiros.

O violeiro João de Lima também recorda a amizade e a admiração que nutria pelo mestre. "Conheci Jaçanã em Maceió, cantando na Rua do Comércio com o Canarinho de Anadia. Era um grande embolador, que mais tarde passou a se apresentar também como violeiro. " Ele conta que, sempre que surgia uma oportunidade, fazia questão de levá-lo para novos palcos. "Gostava dele, era



elegante e merecedor do título de mestre. Já nos apresentamos no mesmo evento, mas não juntos, porque o ritmo dele era diferente do meu. O Gonzalo Gonçalves Bezerra, natural do Ceará, fundou em Brasília o Palácio da Poesia, a Casa do Cantador. Um prédio lindíssimo, e a inauguração também foi maravilhosa. Lá aconteciam festivais incríveis. Certa vez, ele me pediu uma indicação de dupla de embolada, e eu levei Jaçanã e Azulão. Eles cantaram



Divulgação do show "Junto e Misturado". Foto: Divulgação

comigo e foi simplesmente maravilhoso. Em Sergipe, também o levei para se apresentar na Festa do Vaqueiro, em Carmópolis, e em algumas rádios de Aracaju. Aqui em Viçosa, quando Deda era prefeito, também cantou bastante. Jaçanã se apresentou muito com Salú, um galegão que usava chapéu, e com vários outros cantadores do Nordeste", recorda.

O Mestre Jaçanã partiu, mas seu legado segue ecoando nas praças, escolas e palcos que acolheram seu canto. Sua vida foi exemplo de perseverança, simplicidade e entrega à arte. Entre Pernambuco e Alagoas, entre a viola, o repente e o pandeiro, Jaçanã construiu uma trajetória que honra a cultura popular nordestina e mantém viva a tradição da embolada para as novas gerações.



Foto: Print do vídeo de João Erisson



MESTRE JOTA DO PIFE

Entre melodias e Orações

José Felix dos Santos, mais conhecido como Jota do Pife, nasceu no Crato, Ceará, em 6 de outubro de 1938. Desde muito cedo, demonstrou uma afinidade singular com a música popular. Aos sete anos, ouviu uma banda de pífano liderada por outro José Felix que passava pela fazenda onde morava. Fascinado, pediu ao pai que lhe confeccionasse um instrumento.

"Era meu xará. Estava passando pela fazenda onde morávamos e eu me encantei. Pedi a meu pai: "O senhor podia fazer um 'pifinho' pra mim"? Com dez dias, eu já estava tocando Vitalina, uma música bem conhecida na época", contou em entrevista à jornalista Telma Elita.

Aos quinze anos, José Felix chegou a Alagoas. Embora cearense de nascimento, teve seus documentos registrados como alagoano em homenagem às raízes familiares em Murici, onde seus pais e avós nasceram. Aos dezesseis anos, passou a animar festas nas fazendas da zona rural, momento em que ganhou o apelido de "Jota do Pife". Foi também nessa época que fundou a banda de pífano *Consagrada Jesus, Maria e Todos os Santos*, iniciando uma trajetória marcada pela dedicação à música e à cultura popular. A banda era formada por pessoas da comunidade, pessoas próximas a ele.

Maria das Graças recorda com emoção os primeiros passos do pai na música. *"Teve uma infância muito humilde, começou a tocar aos sete anos e fazia com maestria, era um dom mesmo. Ele era trabalhador rural, mas se aparecesse uma tocada, ele largava tudo. Depois que ele chegou a Maceió, começou a tocar em alguns lugares. Ele amava tanto o que fazia que sequer cobrava. Quando tocava, as pessoas davam o que quisessem dar, e se não dessem, ele também não cobrava. Era algo da alma dele mesmo."*

Mestre Jota do Pife aprendeu sozinho não apenas a tocar, mas também a confeccionar seus instrumentos. Ele criava pífanos de PVC, metal, taquara e taboca, além de construir toda a percussão da banda incluindo prato, caixa e zabumba de maneira artesanal.

Insatisfeito com os limites da apresentação convencional, criou uma engenhoca

que permitia tocar todos os instrumentos simultaneamente, como uma bateria completa, enquanto conduzia a melodia do pífano. "Até os instrumentos da banda foram todos criada por ele, e depois, não satisfeito, ele ainda fez uma engenhoca que tocava sozinho tudo isso, como se fosse uma bateria," lembra Maria das Graças.

DEVOÇÃO



Certificado e pifões do Mestre Jota do Pife. Foto: Nicollas Serafim

Mestre Jota do Pife era querido por muitos, entre eles inúmeros afilhados. Foi casado com Maria José da Conceição, com quem teve 16 filhos, oito homens e oito mulheres. Metade faleceu ainda na infância, mas os que sobreviveram lhe deram grande alegria. “Tivemos 16 filhos, só que oito faleceram. E assim a gente foi vivendo, ele ia para todo canto pra tocar, às vezes passava oito dias fora”, recorda Maria José.

A fé permeava sua vida. Profundamente religioso, mantinha em casa uma parede dedicada aos santos e guardava objetos sagrados. Todos os anos viajava com a engenhoca para Juazeiro do Norte, no Ceará, participando das romarias e unindo música e devoção. “Essa minha banda é leve. Faço questão de levar comigo e tocar entre as orações”, dizia ele.

Maria José também lembra as idas ao Juazeiro. “Quando voltávamos, ele se encontrava com os amigos e ainda tocava de novo. Toda vida ele tocou pífano, desde pequeno. O pai dele também tocava e ele aprendeu. Eu apoiava sim, achava bonito. Até hoje, quando vejo uma banda de pífano tocando, parece que estou vendo ele.”

RECONHECIMENTO

Ao chegar em Maceió, Jota do Pife fez amizade com o médico, instrumentista e pesquisador da cultura popular Dr. Gustavo Quintella, e passou a ser mais conhecido. Mais tarde, foi apresentado ao professor Ranilson França e à equipe da Secretaria Estadual de Cultura. “Daí então ele começou a ser valorizado



Foto: Acervo da família

enquanto músico mesmo. Acho que nem ele mesmo tinha noção da grandiosidade que ele era, dentro da arte que ele fazia", afirma Maria das Graças.

Em 2007, Jota do Pife foi oficialmente selecionado para o Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas, reconhecimento que consolidou sua importância para a cultura popular do estado. *"Depois que ele foi reconhecido como Patrimônio Vivo, a gente passou realmente a entender o quanto valioso era o talento dele. Ele se sentiu muito mais reconhecido e valorizado. O maior legado que ele deixou foi a perseverança, ser feliz com o seu maior dom, lutar pelo que acredita, mesmo que ninguém mais acredite"*, comenta Maria das Graças. A esposa recorda a emoção daquele momento. *"Ele ficou feliz demais quando foi reconhecido Patrimônio Vivo, pena que depois de pouco tempo ele morreu."*

Maria das Graças lembra ainda que Jota do Pife chegou a ir para Brasília e voltou radiante, sentindo-se reconhecido pelo talento. Recorda também um evento promovido pelo governo, na gestão de Teotônio Vilela, em que um japonês se encantou com sua arte e chegou a lhe oferecer dinheiro. *"Na entrega do certificado de Patrimônio Vivo, ele estava muito feliz, especialmente porque havia acabado de conquistar o BPC como trabalhador rural"*, conta. Segundo ela,



tanto a bolsa quanto o benefício trouxeram um impacto muito positivo em sua qualidade de vida. Embora esse reconhecimento não tenha ampliado sua visibilidade, manteve o prestígio junto às pessoas que já o conheciam, num tempo em que não havia tanta exposição como hoje.

Mesmo nos últimos anos de vida, Jota do Pife manteve o vigor e a criatividade, tocando o pífano enquanto conduzia, ao mesmo tempo, todos os instrumentos da engenhoca. *"Gostaria que meu pai fosse lembrado como músico mesmo, como alguém que se doou pela cultura. Ele era apaixonado pelo pífano e ensinava com alegria. Hoje, as pessoas focam muito no 'ter', e meu pai era o 'ser'. Ele era muito feliz com o que ele era e com a forma como ele era."*

CONTINUIDADE

Além de músico, Jota do Pife também atuava como carpinteiro e agricultor. E Sempre que tinha oportunidade, compartilhava seus conhecimentos com a comunidade do Poço Azul, ensinando moradores a tocar e a construir o pífano. *"Era algo da alma dele mesmo. Infelizmente dos 8 filhos dele, nenhum desenvolveu o dom. Com certeza ele ficaria muito feliz se algum deles tivesse desenvolvido o dom pela música. Ele até incentivava, mas dom é algo que a pessoa já nasce"*, comenta Maria das Graças.

A banda de pífanos dele era formada por pessoas da comunidade e não



Maria José (Esposa) Maria das Graças (Filha).
Foto: Iranei Barreto

tinha uma formação certa, sendo sempre quem estava disponível para aquele evento ou aquele momento. *"Meus irmãos tocavam, mas faziam mais para agradá-lo do que por vontade própria e dom. Meu pai percebia muito isso. "*

Jota do Pife faleceu em 25 de maio de 2011, aos 73 anos, mas seu legado permanece vivo. Dedicou a vida à música, à educação e à preservação da tradição do pífano, ajudando a perpetuar a cultura popular de Alagoas e do Nordeste.

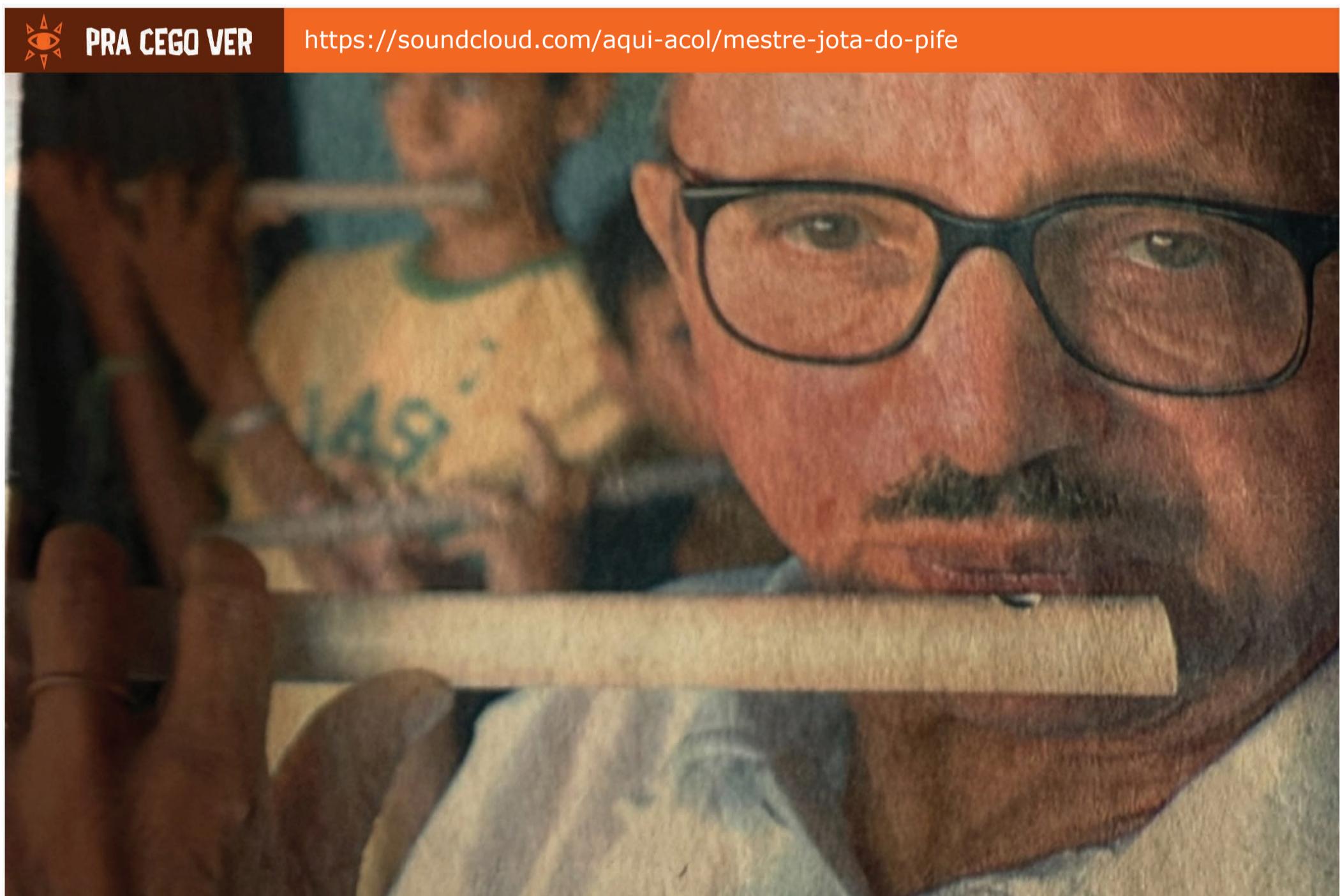


Foto: Acervo da família



MESTRE JUVENAL DOMINGOS

Memória e Tradição no **Guerreiro Alagoano**

Nascido em 25 de novembro de 1936, em São Luís do Quitunde, Juvenal era filho de trabalhadores do campo, Juvêncio Domingos dos Santos e Josefa Teotônio. Viveu uma infância marcada por perdas e deslocamentos. A mãe faleceu quando ele tinha apenas três anos e, até os sete, permaneceu sob os cuidados do pai. Mais tarde, foi morar com um tio na Usina Utinga, em Rio Largo, onde cresceu entre tarefas do engenho e apresentações de mestres consagrados como Sebastião Batista e João José. Curioso, começou a cantarolar as peças do Guerreiro alagoano ainda menino, chamando atenção pela firmeza da pisada e pela voz alta, clara e afinada.

Encontrou no Guerreiro não apenas um ofício, mas também um caminho para pertencer. O ritmo dos pandeiros, o canto, o colorido dos trajes e a energia dos folguedos foram o abrigo que a vida parecia negar. Juvenal começou como bandeirinha e, aos poucos, foi assimilando saberes transmitidos oralmente, aprendendo passos, cantos e responsabilidades que o transformariam, anos mais tarde, em referência dessa expressão popular.

"Um dia acordei e não encontrei meu tio. Ele tinha fugido por causa de uma briga, me deixando sozinho neste mundo de meu Deus. Fui morar, de favor, na casa do mestre de curral que teve pena de mim. Foi nesse tempo que comecei a dançar Guerreiro, como bandeirinha, na Fazenda Bom Jardim, com os mestres Sebastião Batista, José Losé e Joana Gajuru. Com eles aprendi muito", confidenciou à pesquisadora Josefina Novaes.

Aos 14 anos, decidiu morar sozinho. Três anos depois, já estava casado, numa tentativa de afastar a solidão que o acompanhara desde a infância. *"Tive duas mulheres com o mesmo nome, Maria José da Conceição. Foi uma grande coincidência"*, disse certa vez.

Durante sua trajetória, dançou alguns anos com o Mestre José Leonildo, em Messias, e, já na condição de mestre, liderou por sete anos o Guerreiro da Usina Santa Clotilde, em Rio Largo, cidade onde fixou residência e passou a comandar o Guerreiro da terceira idade. Foi ali que conheceu sua segunda Maria José da Conceição, rainha do Guerreiro, mulher que dividiria com ele a vida, o amor e o

compromisso com a cultura popular. Juntos formaram o Guerreiro São Pedro Alagoano, em Murici. Sua dança o levou de volta à Utinga, passou por Rio Largo, e o grupo acompanhou sua trajetória por diferentes cidades até se fixar no bairro Chã da Jaqueira, em Maceió. Com Maria ao seu lado, Juvenal comandou um conjunto animado, de ensaios concorridos e figurinos bem cuidados. Mais tarde, transferiu-se para o Conjunto Luiz Pedro I, onde a sede passou a reunir brincantes de várias gerações.

LIDERANÇA E GENEROSIDADE



Continuidade do São Pedro Alagoano sob o comando de Mestra Marlene. Foto: Da internet

Mestre Juvenal não era apenas um cantor vigoroso; era um guia paciente, que sabia acolher quem chegava para aprender. Marlene, sua sucessora no São Pedro Alagoano, recorda o início dessa convivência. *"Eu conheci Juvenal aqui no Conjunto, já com quase sessenta anos. Ele e dona Maria me convidaram para ser estrela de ouro. Depois chamou meu marido, Juvenal Argemiro, para a sanfona. Desde então, viramos uma família dentro do Guerreiro."* Emocionada, Marlene relembra o momento em que o mestre a coroou rainha do São Pedro Alagoano. *"Quando dona Maria ficou doente, me disse que o Guerreiro não podia morrer. Depois, seu Juvenal falou: 'Você vai ser a Rainha, vai ficar no lugar dela'. Fomos ao Centro, ele comprou todos os trajes. A coroação foi linda. No outro dia, ele disse: 'Esse Guerreiro agora é seu, porque eu já não tenho mais saúde'."*

Juvenal Argemiro, sanfoneiro do grupo há décadas, relembra como tudo começou. *"Ele precisava de alguém para tocar, porque o sanfoneiro antigo cobrava caro. Comprou uma sanfoninha para mim e disse: 'Você aprende'. Em duas semanas eu já estava acompanhando o grupo."*

Sobre as viagens com Juvenal, Marlene guarda lembranças vívidas. *"Aquela ida ao Piauí foi a coisa mais linda do mundo. Ficamos cinco dias com 28 pessoas. Não faltou nada. Em Alagoas, fomos para Arapiraca, Joaquim Gomes, São Luiz do Quitunde. Era só alegria."*

O mestre deixava uma marca profunda naqueles que conviviam com ele. *"Ele não era exigente. A única coisa que pedia era que todo mundo cantasse. A voz dele era linda e limpa"*, diz Marlene. *"Ele era muito paciente e tinha um jeito simples. Sempre dizia que o Guerreiro precisava de união. A gente aprendeu a brincar, mas também a respeitar"*, completa Juvenal Argemiro.

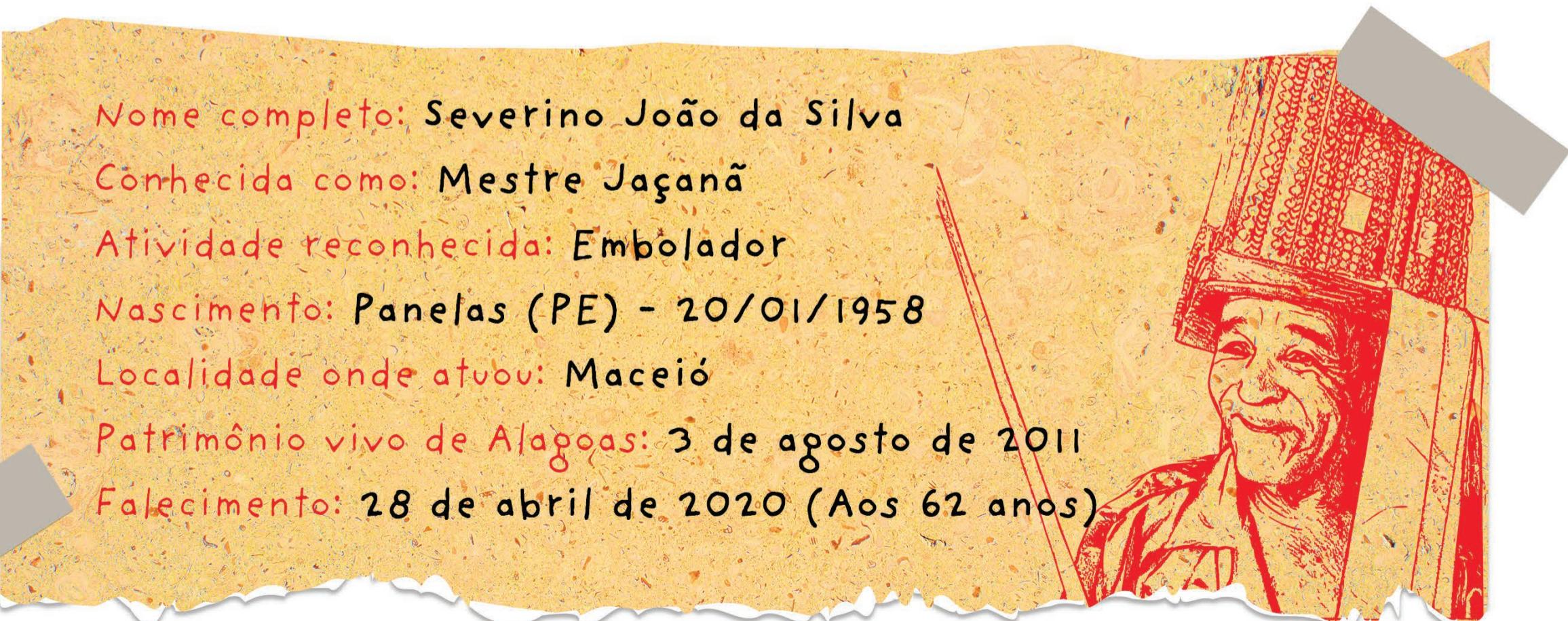
Devoto de Padre Cícero, Mestre Juvenal, com seu jeito afável, conduziu o São Pedro Alagoano por palcos de Alagoas e de outros estados. O grupo se apresentou em Brasília, Salvador, Piauí e Pernambuco, sempre levando a riqueza das peças e o brilho dos chapéus coloridos. Sob sua liderança, a dança manteve viva a tradição dos personagens estrela de ouro, índio Peri, boi, Joana Baia e lira, adaptando o enredo ao tempo disponível, mas sem perder a essência.

RECONHECIMENTO

O trabalho de Juvenal ultrapassou fronteiras locais. Em 2006, integrou a comitiva de 20 mestres da cultura popular de Alagoas que viajaram a Brasília para participar do Plano Nacional de Cultura Popular. No ano seguinte, seu Guerreiro foi contemplado com o Prêmio de Culturas Populares Mestre Duda – 100 Anos de Frevo, concedido pelo Ministério da Cultura. Em 2008, representou o estado no Encontro Nacional de Folclore, em Juazeiro do Norte, Ceará, ampliando o alcance de sua arte e reforçando o valor do Guerreiro como patrimônio imaterial. Em 2010, aos 73 anos, foi inscrito no Livro de Registro como Patrimônio Vivo do Estado de Alagoas, em reconhecimento a uma vida inteira dedicada ao folguedo.



Homenagem da Asfopal. Foto: Acervo Asfopal



"Não lembro muito bem da data exata em que ele foi reconhecido como mestre do Patrimônio Vivo, mas nessa época eu já brincava no Guerreiro dele. Até no dia em que ele foi receber o título, eu estava lá com dona Maria e com ele. Lembro que tinha muita gente. Também recordo que, depois disso, ele conseguiu investir mais no grupo, tanto em roupas quanto em sapatos. Além disso, teve outro prêmio que ele ganhou após uma viagem. Ele e outros mestres receberam, parece, 10 mil reais cada um, e ele investiu muito no Guerreiro", relembra Marlene.

Apesar das conquistas, Juvenal não escondia a dor que o acompanhou após a morte de sua companheira, no fim de 2009. *"Tudo isso foi importante e muito bonito, se não fosse a tristeza e a saudade que tenho com a partida da minha Maria, meu grande amor."* Essa perda marcou sua vida pessoal, mas não apagou o brilho de sua dedicação à cultura.

Depois da partida de Maria, Juvenal seguiu à frente do grupo até que a saúde já não permitiu. Antes de morrer, confiou a Marlene a missão de continuar o Guerreiro, gesto que ela abraçou com coragem, mesmo diante das dificuldades para manter roupas, chapéus e ensaios em ordem. Hoje, ela preserva, no guarda-roupa do grupo, o chapéu original do mestre, guardado como relíquia. *"O que ele me deixou foi perseverança"*, resume Marlene. *"Eu sempre digo que, enquanto eu tiver forças, o São Pedro Alagoano não vai parar."*

Juvenal Domingos faleceu em setembro de 2020, aos 84 anos, após complicações de saúde. No velório restrito, em tempos de pandemia, a emoção dos familiares e amigos confirmava o quanto sua presença marcou gerações. Ele deixou uma herança que ultrapassa músicas e cordões, deixou o exemplo de que o Guerreiro é mais que espetáculo: é cultura, disciplina, alegria e memória. Como lembrou a própria Marlene: *"Eu não sei se era porque a gente já estava acostumada com mestre Juvenal, mas até quando a gente via os vídeos dele cantando, a gente já dançava sem querer. Era muito bonito. Tanto a voz quanto o jeito dele, a paciência, muito simpático. Era muito legal seu Juvenal, não o esqueço de jeito nenhum. Até hoje eu sempre puxo um pouquinho do jeito que ele era, nunca esqueço, não, da maneira como ele conduzia o Guerreiro."*



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-juvenal-domingos>



Foto: Acervo Asfopal



MESTRE JUVENAL LEONARDO

Elegância e Tradição no **Guerreiro Alagoano**

Mestre Juvenal possuía uma presença inconfundível à frente do Guerreiro. O porte altivo, herança da elegância dos pais, somava-se à alegria que, desde os dez anos, o levou a participar das brincadeiras. Seu jeito refinado e o entusiasmo com que conduzia cada apresentação o tornaram referência para gerações. É, sem dúvida, uma figura eternizada nas memórias e histórias que compõem o imaginário da cultura alagoana.

Filho de Leonardo Jordão de Moura e Doralice Rosa da Conceição, Juvenal Leonardo nasceu em 23 de novembro de 1933, em Anadia, no interior de Alagoas. Ainda menino, acompanhou a mudança da família para Pilar, onde se encantou com o brilho das fitas e o som dos pandeiros do mestre Artur José, conhecido como Artur Bozó. Fascinado, corria para assistir aos ensaios e, aos dez anos, por iniciativa própria, começou a dançar, confeccionando o seu primeiro chapéu. O entusiasmo e a alegria que levava para as brincadeiras logo lhe renderam convites, marcando o início de uma trajetória que se estenderia por toda a vida.

"Confeccionei um chapéu de talo de palmeira e uma casca de bananeira grossa e, em cima da copa, uma única fita. Depois do trabalho, fui correndo para o ensaio, que acontecia todos os sábados. Por causa da minha alegria e animação, fui convidado a dançar de mateu e logo aceitei", contou Juvenal em entrevista a Josefina Novaes.

Aos quinze anos, Juvenal deixou de brincar de mateu e passou a dançar nos cordões como bandeirinha. Já casado, aos 22 anos, formou seu próprio grupo em Coqueiro Seco, atuando como mestre por cerca de três anos. Mais tarde, mudou-se para Maceió, fixando residência no bairro do Vergel do Lago, onde conheceu o mestre João Amado e passou a integrar seu grupo.

GUERREIRO VENCEDOR ALAGOANO

A amizade com o sargento Wilson e José Tenório, proprietário de um grupo de Guerreiro, abriu caminho para a criação do Guerreiro Vencedor Alagoano. A

iniciativa rapidamente conquistou destaque, reunindo um grande número de brincantes e vivendo momentos marcados por transformações. Os ensaios, realizados sempre aos sábados na sede do sargento Wilson, encerravam-se em animadas brincadeiras, fortalecendo os laços entre os participantes. Com o tempo, a saúde do sargento Wilson enfraqueceu e ele encerrou as atividades do grupo. Pouco depois, Juvenal ajudou José Tenório a reorganizar o Vencedor Alagoano, primeiro na Chã da Jaqueira e depois em Bebedouro, sempre tendo a Mestra Maria Flor como rainha. Mais tarde, o grupo retornou ao Vergel do Lago, agora sob o comando definitivo de Juvenal Leonardo.



Fonte: Acervo Asfopal

Maria Gonçalves relembra a parceria de Juvenal e José Tenório. "Meu marido tinha um Guerreiro chamado Vencedor Alagoano e contratava os mestres para cantar, entre eles o seu Juvenal. Eu tinha muita amizade com ele, nos dias de Guerreiro ele vinha muito aqui em casa. Era um mestre muito bacana, tinha uma voz boa, mestrava bonito e dançava com aquelas pernas grandes. Meu marido sempre dizia: 'no tempo que eu for embora, cuide do meu Guerreiro'. Quando Tenório adoeceu, o grupo ficou sob os cuidados de Juvenal, e ele cuidou. "

Segundo Juvenal, "o Guerreiro voltou a brilhar. Viajamos para Brasília com as professoras Carrascosa e Hélia Pontes, da UFAL, e também duas vezes para Salvador e Aliança, em Pernambuco, sem contar as inúmeras apresentações no interior do estado em que sempre agradávamos o público". Ele destacava a importância da amizade e da dedicação de todos os brincantes.

Nonato, produtor cultural e amigo de Juvenal, comenta que teve a oportunidade de conhecê-lo em 2005, quando começou a ensaiar o Guerreiro no coreto da praça da Guarda Municipal. Ele observa que Mestre Juvenal tinha um jeito simpático de conquistar as pessoas e que aprendeu muito com ele. Nonato acrescenta que apresentaram juntos um projeto ao CRAS para melhorar a indumentária do Guerreiro, e que também realizaram o "Agosto da Cultura Popular", na Praça Santa Tereza, onde Juvenal teve muitas oportunidades de se apresentar.

ELEGÂNCIA DENTRO E FORA DO GUERREIRO

A postura de Mestre Juvenal à frente do grupo era reconhecida por todos. Josefina Novaes, ex-presidente da Asfopal, observa que ele não usava o saiote de fita; preferia uma calça geralmente branca, de tecido brilhoso, com uma faixa lateral de outra cor, além de camisa de manga comprida igualmente brilhosa, com punhos dobrados para dentro. O sapato estava sempre muito bem escovado. Segundo ela, Juvenal era a própria elegância; a elegância do Guerreiro era ele. "A gente o chamava de Fred Astaire do Guerreiro, também porque ele era magro e alto. Era muito boa gente, educado e de trato respeitoso", conta.

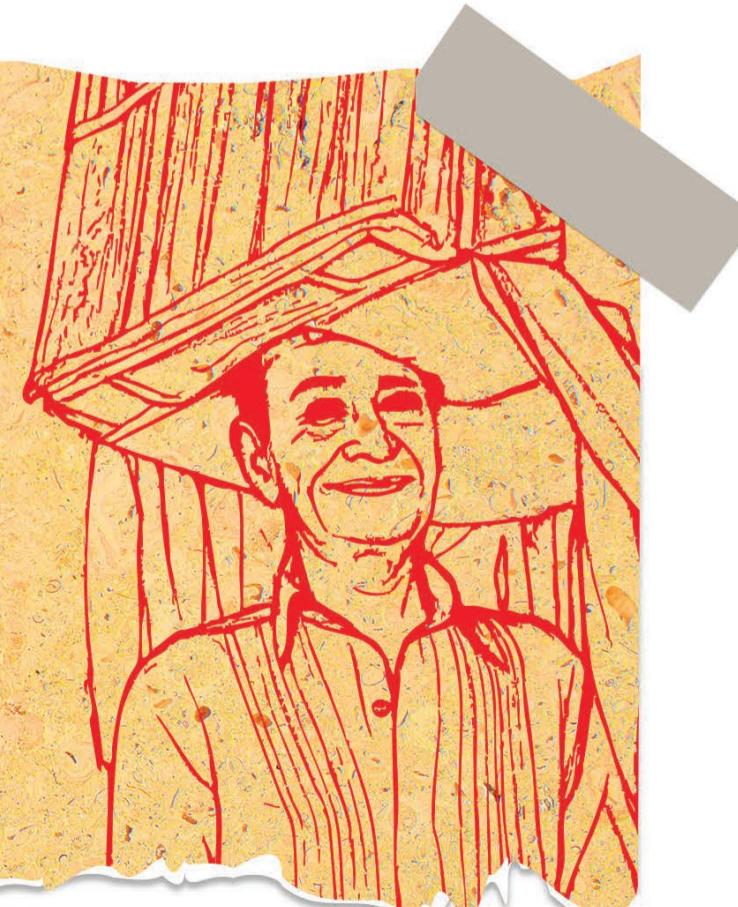
Cícero Farias, que também presidiu a associação, enfatiza a força e o profissionalismo de Juvenal. Ele afirma que Juvenal era um bom mestre, competente e conhedor do Guerreiro, com pisada forte e apresentações sempre bonitas. *"Ele era um homem forte, alinhado, gostava de cumprir horários. As músicas do Guerreiro dele eram maravilhosas. Ele era muito comunicativo, amigo de todos e gostava de prestigiar outros Guerreiros. Amava cultura"*, explica. Cícero recorda que acompanhou Juvenal em apresentações em Salvador e no interior de Alagoas, e sempre admirava a beleza das apresentações.

Nonato também recorda das apresentações em projetos que compartilharam. *"Quando ele estava dançando, tinha um grito, uma voz muito*



Fonte: Acervo Asfopal

Nome completo: Juvenal Leonardo Jordão
Conhecida como: Mestre Juvenal Leonardo
Atividade reconhecida: Mestre de Guerreiro
Nascimento: Anadia - 23/11/1933
Localidade onde atuou: Maceió
Patrimônio vivo de Alagoas: 13/05/2005
Falecimento: 23/05/2015 (Aos 81 anos)



alta, um comando muito forte. O jeito de dançar, o modo como fazia os passos, era muito interessante, muito bonito. Era realmente um dom de Deus."

A dedicação de Mestre Juvenal à cultura popular estendeu-se à educação, por meio do projeto "Mestre vai à Escola", da Secretaria Estadual de Educação, no qual atuou como agente cultural ao lado da mestra Maria Flor. Juntos, criaram o Guerreiro das Artes, no Núcleo de Expressões Artísticas – NEXA/CEPA, levando a tradição do folguedo aos estudantes.

RECONHECIMENTO

Em 2005, Juvenal recebeu o título de Patrimônio Vivo de Alagoas, reconhecimento merecido por décadas de dedicação. *"Foi muito vantajoso quando ele foi reconhecido como Patrimônio Vivo. Acho que era um currículo que faltava a ele e que foi merecidamente dado pela Secretaria de Cultura de Alagoas. Esse recurso o beneficiava muito, porque com ele enfeitava uma fita, um adereço, às vezes um pandeiro, um tambor. Ajeitava coroas do Guerreiro; enfim, esse recurso fortaleceu muito o embelezamento do Guerreiro Vencedor Alagoano,"* comenta Nonato.

Juvenal permaneceu à frente do Vencedor Alagoano até os últimos anos, quando problemas de saúde o afastaram dos ensaios. Faleceu em Arapiraca, no dia 23 de agosto de 2015, aos 81 anos, encerrando a história de um homem que viveu a cultura com intensidade e amor, transformando o Guerreiro Vencedor Alagoano em referência de beleza, disciplina e alegria. Como ele mesmo dizia: *"O verdadeiro mestre tem que ter juízo, saber inventar a cantoria, tirar uma peça. Isso é dom, nasce com a pessoa. No fim, tudo é brincadeira, é distração, é cultura."* Assim, Juvenal permanece vivo na memória daqueles que veem, no seu Guerreiro, a beleza de uma arte que nunca deixa de pulsar.



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-juvenal-leonardo>



Foto: Da internet



MESTRE NIVALDO ABDIAS

e a travessia cultural do **Guerreiro**

Diferente da maioria das crianças de sua época, o menino Nivaldo Abdias se encantou por outro tipo de brincadeira. Enquanto a meninada jogava bola ou brincava de carrinho, ele não tirava os olhos dos folguedos populares, tão comuns em sua época.

Foi nesse ambiente que conheceu o Reisado da Mestra Zefa Bispo, em Palmeira dos Índios, sua terra natal, onde oficialmente colocou os pés na tradição. Levou a brincadeira tão a sério que, aos 12 anos de idade, já mestrava um Guerreiro, estreando nada menos que no Guerreiro de Joana Gajuru. A partir daí sua trajetória só se ampliou. Passou por grupos igualmente importantes, como o dos renomados mestres Adelmo Vieira, de Branca de Atalaia, e Francisco Jupi, deixando marcas em cada passagem. “Ele passou por 27 mestres de Guerreiro. A família dele é toda daqui de Maceió, mas nós somos de Palmeira dos Índios e nos casamos lá”, conta sua esposa Creuza.

O legado de Nivaldo também se perpetuou pela memória e pela vivência de seus familiares. Em depoimento, sua filha, Mestra Iraci, recorda: “Antes de eu nascer, meu pai já cantava no Reisado da Zefa Bispo em Palmeira dos Índios. Depois foi mestre em outros grupos, como o da Fazenda Porangaba, o de Joana Gajuru e o de Adelmo Vieira, em Branca de Atalaia. Para onde ele ia, eu estava junto. Foi assim que conheci muitos mestres e acompanhei toda a vida dele.”

A esposa Creuza lembra ainda que Nivaldo conciliava o trabalho formal com a paixão pelo Guerreiro. “Ele trabalhava no DER pelo dia, e pela noite era atrás de Guerreiro. Comprou um Reisado e logo o transformou em Guerreiro. Foi nessa



Foto: Acervo da família

época que nos conhecemos, eu ajudava a chamar gente para dançar. Depois fugimos para ficar juntos e só casamos muito tempo depois, já com as três meninas nascidas.”

A vida da família foi sempre guiada pelo Guerreiro. “Fomos morar em Cajueiro porque ele achava que o dinheiro do DER era pouco. Trabalhou de tudo, mas em casa o Guerreiro era prioridade. Os filhos cresceram dentro dessa cultura. Mais tarde fomos para Maribondo, depois Branca de Atalaia e, por fim, Bebedouro, em Maceió. O pessoal gostava muito do trabalho dele e ele vivia viajando para cantar.”

Os filhos Salete e Everaldo também trazem suas lembranças. “Cresci nesse meio, sempre dentro do Guerreiro com meu pai e minha mãe. Dancei de caboclinha, depois estrela do norte e cheguei a ser rainha. Depois que meu pai morreu, passei a cantar algumas peças junto com a comadre Iraci. Hoje também sigo a tradição como mestra artesã, fazendo chapéus e broches do Guerreiro Campeão do Trenado”, conta Salete.

“Desde pequeno eu acompanhava meu pai em tudo. Com 7 anos já queria estar nos Guerreiros. Comecei como burrinha, depois virei vassalo, embaixador e, por fim, tamborzeiro, função que segui até hoje. Toda a família sempre esteve envolvida, e quem chegava ia sendo integrado à cultura”, relembra Everaldo.

Jéssica, esposa de Ailton Bonfim, neto do Mestre Abdias, é prova de como a tradição acolhia quem chegava à família. “Comecei a dançar quando o grupo do mestre Nivaldo se apresentou em Lagoa da Canoa, minha cidade. Foi ali que conheci meu esposo e segui no Guerreiro com eles. Ele era muito querido e sempre dizia aos filhos, netos e bisnetos para não deixar essa cultura morrer. Hoje todos seguimos esse caminho, tentando trazer gente mais jovem para que o Guerreiro continue.”

A tradição já alcança a nova geração. Júlia, filha de Jéssica e Ailton, cresceu no Guerreiro. “Já dançava na barriga da minha mãe. Quando comecei a andar, ganhei minha primeira roupinha. Gosto de estar nas apresentações,

principalmente das danças e das figuras como o boi e o lobisomem. Fico geralmente na parte de trás, mas já estou acostumada e adoro participar."

Mestre Nivaldo tinha orgulho em dizer que, dos seus nove filhos, oito participavam ativamente da brincadeira. "Meu filho Cícero (falecido) faz os chapéus e os adereços e brinca na figura do Índio Peri; minha filha Quitéria, que tem um bonito trupé, costura e borda toda a indumentária; minha neta Nadja, com apenas onze anos, já sabe toda a parte da Estrela de Ouro; e a Creuza, minha mulher, é a rainha dentro de casa e do Guerreiro", declarou orgulhoso em depoimento à pesquisadora Josefina Novaes.

OS GUERREIROS DA FAMÍLIA

Depois de anos brincando em grupos de outros mestres, Nivaldo Abdias e sua família passaram a construir seus próprios Guerreiros. O primeiro foi o Guerreiro Barreira Pesada, coordenado por sua filha Iraci, no bairro da Chã da Jaqueira. "Ele foi um grande pai, um grande mestre, um grande esposo, e até hoje sinto sua falta. Ele mestrou meu Guerreiro Barreira Pesada, e aprendi muita coisa tanto com madrinha Joana Gajuru quanto com papai. Para mim, ele nunca se foi, porque continua vivo no meu coração", relembra emocionada Iraci.

Com o tempo, a tradição se expandiu ainda mais. "Quando fui morar em Girau do Ponciano, levei o Barreira Pesada comigo. Papai, então, criou o Guerreiro Campeão do Trenado, para continuar brincando. Casei, tive filhos e todos cresceram dentro dessa cultura, que agora também alcança meus netos e bisnetos. O que aprendi vou passando adiante. Fiquei com o Campeão do Trenado, que era de papai, e entreguei a documentação do Barreira Pesada ao meu filho Ailton, que hoje é responsável por ele", conta Iraci.

A herança se espalhou entre filhos e netos. Ailton Bonfim, por exemplo, recorda que começou no Guerreiro ainda criança, acompanhando o avô. "Aprendi partes com meu pai, outras com ele. Uma vez, faltou tamborzeiro numa apresentação e

meu avô me colocou para tocar. Eu adorava tocar tambor para meu avô, ele era um dos mestres que cantava parcelado, que você vê o começo e o fim. Fora ele, eu gostava e já toquei também com José Laurentino, que tinha uma voz muito bonita, até hoje nós cantamos peças dele. E também o mestre Jaime".

Atualmente, além do Barreira Pesada e do Campeão do Trenado, que ficam na capital, a família mantém outros grupos de guerreiro no interior do estado, como o Treme Terra Mundial, da filha Margarida (que era do mestre Oséas e antes dele era do Adelmo) e o Campeão de Alagoas, liderado por Maria Cícera filha de Iraci. Uma prova de que o Guerreiro seguiu firme como marca da família Bomfim. Como afirmou o próprio Mestre Abdias em depoimento à pesquisadora Josefina Novaes:

**NÃO TENHO MEDO DA MINHA BRINCADEIRA ACABAR. O GUERREIRO
ESTÁ NO SANGUE DA MINHA FAMÍLIA E, COM A MINHA MORTE,
MEUS FILHOS E NETOS VÃO CONTINUAR.**

Nome completo: Nivaldo Abdias Bomfim

Conhecido como: Mestre Nivaldo Abdias

Atividade reconhecida: Mestre de Guerreiro

Nascimento: Palmeira dos Índios – 05/02/1932

Localidade onde atuou: Maceió e interior
de Alagoas

Patrimônio vivo de Alagoas: 13 de maio de 2005

Falecimento: 19 de julho de 2013 (aos 81 anos)



APRESENTAÇÕES NO INTERIOR

Mestre Nivaldo iniciou sua trajetória em grupos de Guerreiro formados no interior do estado e nunca se acostumou com as apresentações curtas da cidade grande. O que ele gostava mesmo era das longas jornadas culturais, possíveis apenas no interior. Todos os anos, no mês de dezembro, deixava trabalho e compromissos para seguir a tradição. Durante cerca de três meses, viajava em caravana com seu grupo, apresentando-se em cidades, sítios e povoados. Muitas vezes partiam sem uma rota definida, sem saber onde ficariam hospedados, se seriam contratados, se teriam dinheiro suficiente para a alimentação ou até mesmo quando e como voltariam para casa.



Mestre Nivaldo Abdias ao lado da esposa Creuza. Foto: Acervo da família



Foto: Acervo da família

Poucos mestres mantinham essa prática. “É uma verdadeira aventura. Saímos sem destino certo, muitas vezes sem nenhum acerto de apresentação, arranchados em lugares cedidos pelas autoridades ou embaixo de um pé de pau. Às vezes passamos de dois a três meses nessa peregrinação, tem gente que até troca de mulher”, contou o Mestre Abdias em depoimento à pesquisadora Josefina Novaes.

Iraci recorda como a rotina era desafiadora: “Para se apresentar e voltar pra casa é bom, mas sair pelo mundo do jeito que a gente saía era sofrimento. Papai e eu

íamos de cidade em cidade, de sítio em sítio, de prefeitura em prefeitura, recebendo muitos 'nãos'. A gente fazia uma lista, pegava um caderno e saía de porta em porta pra conseguir apoio. Segurar 26 ou 27 pessoas no grupo não era brincadeira. Ele trabalhava de oleiro, empeleteiro, no DER, mas quando chegava dezembro, largava o emprego. Dizia: 'Quando eu voltar eu consigo outro, meu divertimento é o Guerreiro'. Além disso, nunca perdia a viagem a Juazeiro do Norte, todo 10 de setembro estava na romaria."

"Na época era muito difícil, porque não tinha transporte fácil", lembra Everaldo. "Já nos deslocamos até a pé. Eu trabalhava durante a semana, mas na sexta-feira pegava o carro e ia dar uma força. Era todo final de semana. Nós dançávamos em qualquer canto. Chegávamos às cidades, procurávamos o prefeito e, dali, seguíamos para os sítios e povoados que se interessavam. E assim íamos em frente."

A tradição permanece com os descendentes. "Até hoje fazemos, é a tradição da família Bonfim. Levamos a cultura até onde ela pode chegar. Mas hoje a maior dificuldade é a falta de apoio das prefeituras, que muitas vezes não dão o valor que os grupos merecem. A gente sai daqui no dia 24 de dezembro e vai em busca de lugares para ficar e se apresentar. Alguns vereadores e prefeitos ajudam, porque são muitas pessoas, às vezes 30", conta Ailton Bonfim.

RECONHECIMENTO

Reconhecido como um dos grandes mestres da cultura popular em Alagoas, Nivaldo Abdias recebeu, em 2005, o título de Mestre do Patrimônio Vivo de Alagoas, integrando a primeira turma de homenageados. Anos depois, seus filhos Cícero e Iraci também seriam reconhecidos como Mestres da cultura alagoana, ampliando a força da tradição na família.

"Não lembro o ano exato em que ele recebeu o título, mas lembro da alegria dele. Dizia: 'Agora eu posso investir no meu Guerreiro'. Ele era aposentado pelo Loas,

mas o dinheiro não dava. Com a bolsa do Patrimônio Vivo, pôde colocar o Guerreiro pra frente", recorda Iraci.

O reconhecimento trouxe orgulho a todos os descendentes. "Quando meu avô foi Patrimônio Vivo, eu morava em Girau do Ponciano com minha mãe. Foi muito gratificante, porque no interior ele já era respeitado, mas na capital ainda não tinha esse reconhecimento. Hoje tenho muito orgulho de ser neto dele e fazer parte dessa família", afirma Ailton.



Guerreiro Campeão do Trenado em Brasília. Foto: Acervo da família

Everaldo também relembra esse período. "Ele morava na Chã de Jaqueira e mestrava um dos melhores guerreiros que já vi em Maceió. Para ele, Guerreiro era tudo. Se tirassem o Guerreiro dele, era como se o matassem. Muitas vezes tirava do próprio bolso para ajeitar o grupo, só pelo prazer de viajar cantando e dançando, para não deixar a cultura acabar. Hoje existe mais incentivo das prefeituras, mas o interesse do público nas festas já não é como antes."

Em 2007, o Guerreiro Campeão do Trenado também foi contemplado com o Prêmio Culturas Populares "Mestre Duda, Cem Anos de Frevo", do Ministério da Cultura.

Pouco depois do falecimento de Mestre Nivaldo, em 2014, a cineasta alagoana Arilene de Castro dirigiu o documentário Guerreiros, retratando a tradição no interior do estado. Na época, apenas dois grupos, ambos dos descendentes de Mestre Nivaldo Abdias, ainda mantinham a tradição. O filme mostra a família peregrinando pelo Sertão, honrando o último pedido do mestre: não deixar o Campeão do Trenado acabar.

O FIM DE UMA JORNADA

"Papai nunca deixou de cantar, até no dia em que morreu ele cantou. Ele fazia as peças do Guerreiro, e eu até tenho algumas guardadas", lembra Iraci. "Lembro que ele desmaiou durante uma feira em Bebedouro, e foi isso que acabou levando ele à cova, lamenta Creuza. Ele teve acompanhamento do Dr. Gustavo Quintella, foi a vários médicos, tomou muitos remédios e chegou a ficar internado quase um mês na Santa Casa. Mesmo assim, dizia que quando melhorasse queria ir pra casa, porque tinha uma viagem que queria fazer".

"Ele voltou e ficou mais ou menos duas semanas em casa. Depois que ele morreu, muita gente da família parou de ir no Guerreiro. Ninguém queria mais dançar. Depois que meu marido morreu, parece que o mundo acabou pra mim. Não faltava nada em casa", lamenta Creuza.

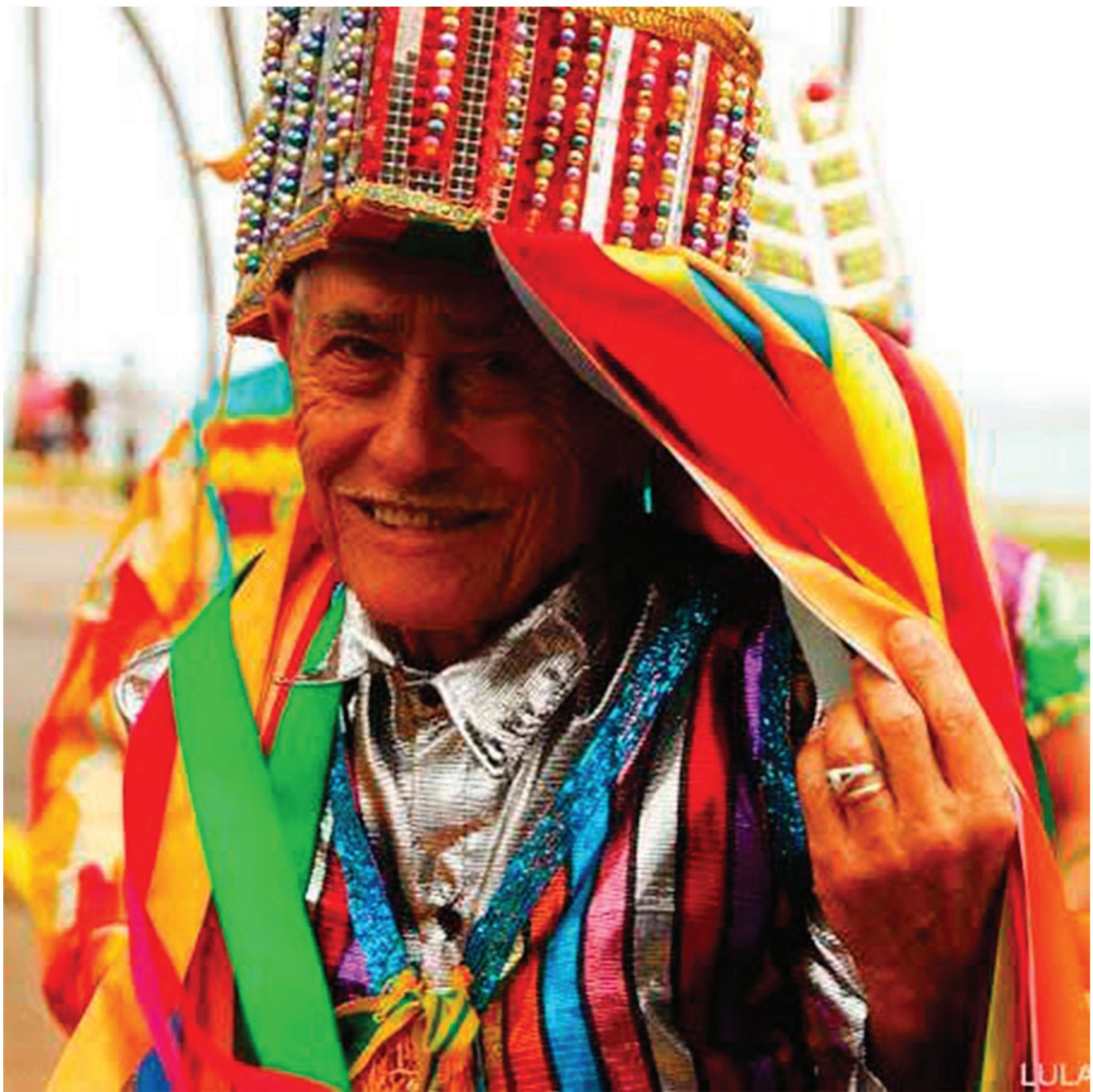


Foto: Acervo da família

Salete lembra que antes de morrer, ele pediu que tivesse um cortejo. "Minha filha conseguiu realizar o último desejo dele. Arrumou um carro de som com Galba Novaes, fizemos o cortejo até o cemitério, e todo mundo ia se despedindo. Foi lindo, do jeitinho que ele queria".

O mestre Nivaldo Abdias Bomfim faleceu no dia 19 de julho de 2013, aos 81 anos, em casa, encerrando uma vida dedicada à tradição da cultura popular em Alagoas. Antes de morrer, deixou um recado: "O Guerreiro Campeão do Trenado não é pra dar, nem vender, nem emprestar. "

"O que vou me lembrar sempre é ele botando a gente pra dançar e dando bronca pra gente aprender direito", comenta Everaldo. "Depois que ele se foi, meu irmão Cicinho ficou cuidando do Guerreiro junto com a Iraci. Quando Cicinho também faleceu, a Iraci continuou. Hoje o filho dela está com o Barreira Pesada, então agora a família tem dois grupos, e a gente sempre dá apoio aos dois. "



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-nivaldo-abdias>



Foto: Acervo da família



MESTRE PANCHO

Patrimônio Vivo, Alma do Fandango

Ronaldo da Costa, conhecido carinhosamente como Mestre Pancho, nasceu em Maceió, em 14 de julho de 1951, e desde cedo teve a música, a dança e a cultura popular como elementos centrais de sua vida. Cresceu no Pontal da Barra, bairro que abriga uma tradição secular, o Fandango, folguedo de origem portuguesa que chegou à região em 1930, trazido por pescadores e mestres que buscavam preservar suas histórias e memórias marítimas. Para Pancho, a vida sempre foi boa como a música e o Fandango, e desde adolescente ele mergulhou nessa tradição que, para ele, era tão natural quanto respirar.

O Fandango do Pontal da Barra é um espetáculo popular que mistura dança, canto, narrativa e encenação. Desde seus primórdios, com mestres como Aminadab e Zé da Sofia, o grupo mantinha cantigas náuticas que narravam aventuras e desventuras de navegadores portugueses, retratando naufrágios, milagres e odisséias marítimas. Essas histórias, passadas de geração em geração, faziam parte do imaginário coletivo do bairro e construíam a identidade cultural da comunidade. *"O Fandango alagoano que vive aqui no Pontal tem uma identidade própria, chegou de um jeito e logo foi se adaptando ao local, à cultura e ao povo"*, dizia o próprio Pancho, sempre consciente de que a tradição que conduzia precisava ser valorizada e preservada.

Filho de Mestre Isaldino da Costa, Pancho herdou o amor pela cultura popular e a responsabilidade de manter vivo o folguedo. Aos 13 anos, já integrava o grupo, começando como marujo e participando de todas as etapas do Fandango. Com o tempo, passou pelas funções de gajeiro, capitão de mar e guerra e, finalmente, mestre. Sua trajetória no folguedo é marcada por dedicação, disciplina e alegria contagiantes, características reconhecidas por todos que tiveram a oportunidade de conviver com ele. *"Quando eu o conheci, ele já fazia parte do Fandango. Conheci lá na Massagueira, perto da Praia do Francês, porque eu era mestra de pastoril. Eu já acompanhei desde o pai dele, o seu Isaldino, até ele se tornar mestre. Ronaldo tocava, depois dançava, participou de tudo isso, "* relembra Maria de Lurdes, sua esposa.

Ao longo de quatro décadas à frente do Fandango do Pontal da Barra, Pancho inovou e ampliou o alcance do grupo. Entre as mudanças mais significativas,

incluiu a participação feminina, rompendo uma tradição até então restrita aos homens. "Foi comigo que as mulheres começaram a participar da brincadeira. Não tinha sentido deixá-las de fora já que também podem entrar na Marinha", explicou o mestre, consciente de que a preservação da tradição depende da renovação e da inclusão das novas gerações.

O grupo, sob sua liderança, ganhou projeção regional e nacional. Entre as apresentações mais memoráveis, destacam-se as viagens para Recife e Rio de Janeiro. Durante as Paralimpíadas no Rio, Pancho realizou um sonho de viajar de avião para representar o Fandango do Pontal da Barra. "O momento mais especial na vida cultural do meu pai foi quando ele fez uma viagem para as Paralimpíadas, um convite que ele recebeu para representar o Fandango do Pontal da Barra no Rio de Janeiro. Ele dizia que tinha realizado o sonho da vida dele que era viajar de avião," recorda Emília Costa, sua filha.

Pancho era conhecido por sua generosidade e alegria. Um homem de coração puro, dedicava-se intensamente à família e ao próximo. "Para ele era uma festa. Não tem ninguém no Pontal da Barra que fale que não gosta do Pancho. Fazia a festa com todo mundo, e o interessante é que ele não bebia, passava a noite toda na farra. Com o violão e o tira-gosto dele, passava a



Foto: Arquivo Secom AL/ Raul Plácido

noite inteira, ” recorda Maria de Lurdes. O dia a dia de Pancho incluía encontros com a comunidade, conversas nas ruas do bairro e ensaios regulares, sempre com música, riso e dedicação.

A neta Jéssica destaca o caráter e a influência do avô na vida familiar. “*Meu avô sempre foi uma presença paterna, não só para mim, mas para todos os netos, e ele era uma pessoa muito gentil. Sempre abdicava de tudo da vida dele em prol da vida das outras pessoas. Era alegre, amigo, parceiro, sempre gostou de folia, por isso se dedicava tanto à brincadeira do Fandango. O importante é não deixar esse legado acabar e que ele passe de geração em geração, como já está acontecendo. ”*

Pancho não se limitava a transmitir saberes culturais, ele também incentivava a formação de novas gerações, envolvendo crianças e jovens da comunidade nas práticas do Fandango. Mestre Vavá, amigo e coordenador que o sucedeu no Fandango da Barra, ressalta a importância da continuidade. “*Hoje eu faço do meu jeito e está dando certo, mas ele é insubstituível. Ninguém faz no Fandango como Pancho fez.*”

RECONHECIMENTO E LEGADO

Mestre Pancho recebeu diversas homenagens durante sua vida. Além do título de Patrimônio Vivo de Alagoas, concedido em 2012, ele recebeu comendas na Associação Comercial. “*Quando ele recebeu o título de Patrimônio Vivo parecia que estava no céu, ficou tão feliz nesse mundo. Ele recebia todo mundo em casa bem, pessoas das faculdades, dos jornais que vinham fazer entrevista, ele sempre estava muito feliz. Era uma pessoa de sorriso fácil e brincalhão*”, lembra Maria de Lurdes.

O impacto de Pancho na comunidade e na preservação do Fandango é incalculável. Ele transformou a tradição em patrimônio vivo, capaz de unir

família, bairro e sociedade em torno da cultura popular. Sua liderança e dedicação foram fundamentais para que o Fandango do Pontal da Barra resistisse ao tempo, à modernidade e às dificuldades financeiras. A parceria com instituições permitiu que o grupo participasse de apresentações fora do estado, divulgando a tradição e atraindo novos integrantes, enquanto a colaboração com escolas locais assegurava a transmissão dos saberes para crianças e adolescentes.

O falecimento de Mestre Pancho em 2 de março de 2021, vítima da Covid-19, deixou um vazio profundo na família e na comunidade. *"Ele saiu daqui andando e disse: 'Eu vou, mas não volto'. Palavras que até hoje soam no meu ouvido. Não pude nem escolher a roupa em que ele foi sepultado, só quem viu foi minha filha e meu filho,"* lamenta Maria de Lurdes. Apesar da tristeza a memória de Pancho permanece viva em cada canto do Pontal da Barra e nas histórias contadas pelos que conviveram com ele.

O legado de Mestre Pancho vai além das apresentações e das honrarias. A alegria, a dedicação e a generosidade que marcaram sua vida permanecem como referência para familiares, amigos e comunidade. Seu legado cultural, humano e afetivo transforma-se em patrimônio coletivo, inspirando novas gerações a preservar a memória, a tradição e a identidade do Pontal da Barra.

Nome completo: Ronaldo da Costa
Conhecida como: Mestre Pancho
Atividade reconhecida: Mestre de Fandango
Nascimento: Maceió - 14/07/1951
Localidade onde atuou: Maceió
Patrimônio vivo de Alagoas: 03/08/2012
Falecimento: 02/03/2021 (Aos 69 anos)





Foto: Da internet



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-pancho>



Foto: Da internet





MESTRE RAUL VICENTE

Entre Versos e Pelejas

Raul Vicente de Queiroz construiu uma trajetória que entrelaçou poesia, cantoria e compromisso com a cultura popular. Pernambucano, nasceu no sítio Tamanduado, na zona rural de São Joaquim do Monte, mas adotou Alagoas como sua casa, transformando o estado em um território fértil para a viola, o repente e o cordel.

Seu talento floresceu cedo. Ainda menino, percebeu que trazia dentro de si o dom da poesia. Aos vinte anos já se aventurava nos acordes da viola, habilidade que, com o tempo, o transformaria em um dos grandes nomes da cantoria no Nordeste. *"Aos oito anos de idade comecei a escrever cultura popular e literatura de cordel. E a carreira como violeiro repentista se deu no ano de 1954. Comecei as minhas primeiras exibições com violas, ao lado de Ronaldo Caetano, José Casuzinha, Pinto do Monteiro e tantos outros poetas"*, recordou o mestre no documentário *Raul Vicente entre Pelejas e Amores*, filmado em 1998 por Pedro da Rocha, em formato VHS.

Entre suas referências, Raul destacava os grandes cordelistas brasileiros Leandro Gomes de Barros e João Martins de Ataíde, figuras autênticas da cultura popular. *"Havia quem acreditasse que aqueles contos de fadas escritos por Leandro Gomes de Barros e João Martins de Ataíde fossem histórias verídicas, quando, na verdade, eram criações, obras-primas nascidas do talento dos próprios autores."*

Nos anos 1970, percebendo a necessidade de dar visibilidade e melhores condições de trabalho aos violeiros, Raul participou da fundação da Associação dos Violeiros e Trovadores de Alagoas (AVTA). João Procópio, que também presidiu a entidade, conta que a ideia surgiu quando o folclorista José Maria Tenório Rocha o encontrou vendendo folhetos de cordel na feira do Passarinho. *"Ele me chamou para reunir os cantadores de viola"*, relembra Procópio. *"Ficamos pensando quem deveria ser o presidente, e o Avelino, outro cantador, disse: 'Raul Vicente de Queiroz'. Mandamos chamá-lo, ele veio e organizou estatuto, encontros, tudo feito por ele. O primeiro ano foi maravilhoso."*

Raul Vicente permaneceu por muitos anos à frente da AVTA, conduzindo a instituição com firmeza e generosidade. Cícero Farias, amigo e ex-presidente da

Asfopal, lembra que Raul era um homem "vivo, ativo, de ação", sempre disposto a abrir caminhos. "O mestre Raul Vicente de Queiroz era pernambucano radicado em Alagoas. Percorria o estado como violeiro, apresentando-se nas feiras livres, numa época em que ainda não existiam oportunidades de edital. Era um grande amigo, um grande homem e um profissional competente, que muito contribuiu para a cultura de Alagoas. Tinha acesso a Brasília graças à confiança e ao respeito que conquistou, e, por isso, conseguia realizar aqui aquelas festas que antes se chamavam Encontro de Violeiros, hoje conhecidas como festivais. Muitos aconteceram na Praça Deodoro e em outros pontos de Maceió, além do interior, como em Arapiraca. Ele abriu um leque de oportunidades para os violeiros do interior, que antes não eram tão conhecidos nem participavam de nada. "

Raul transitava entre os palcos improvisados das feiras, as praças de Maceió e os bastidores das políticas culturais. Era articulador, mestre de cerimônias e referência ética para quem se aproximava da viola. Durante sua gestão na AVTA, criou delegacias regionais, ampliando a presença da associação em diversos municípios. A casa onde viveu, na Vila Brejal, tornou-se ponto de encontro para amigos e parceiros de ofício, onde a conversa fluía tão naturalmente quanto as modas que improvisava. "A Associação por muito tempo funcionou no prédio da Pedro Monteiro, onde já funcionou o Cenarte, e muitos violeiros iam para lá. Ele dava muita atenção, eram muito acolhidos por Raul. Ele era muito respeitado e respeitava os direitos dos violeiros", comenta Cícero.

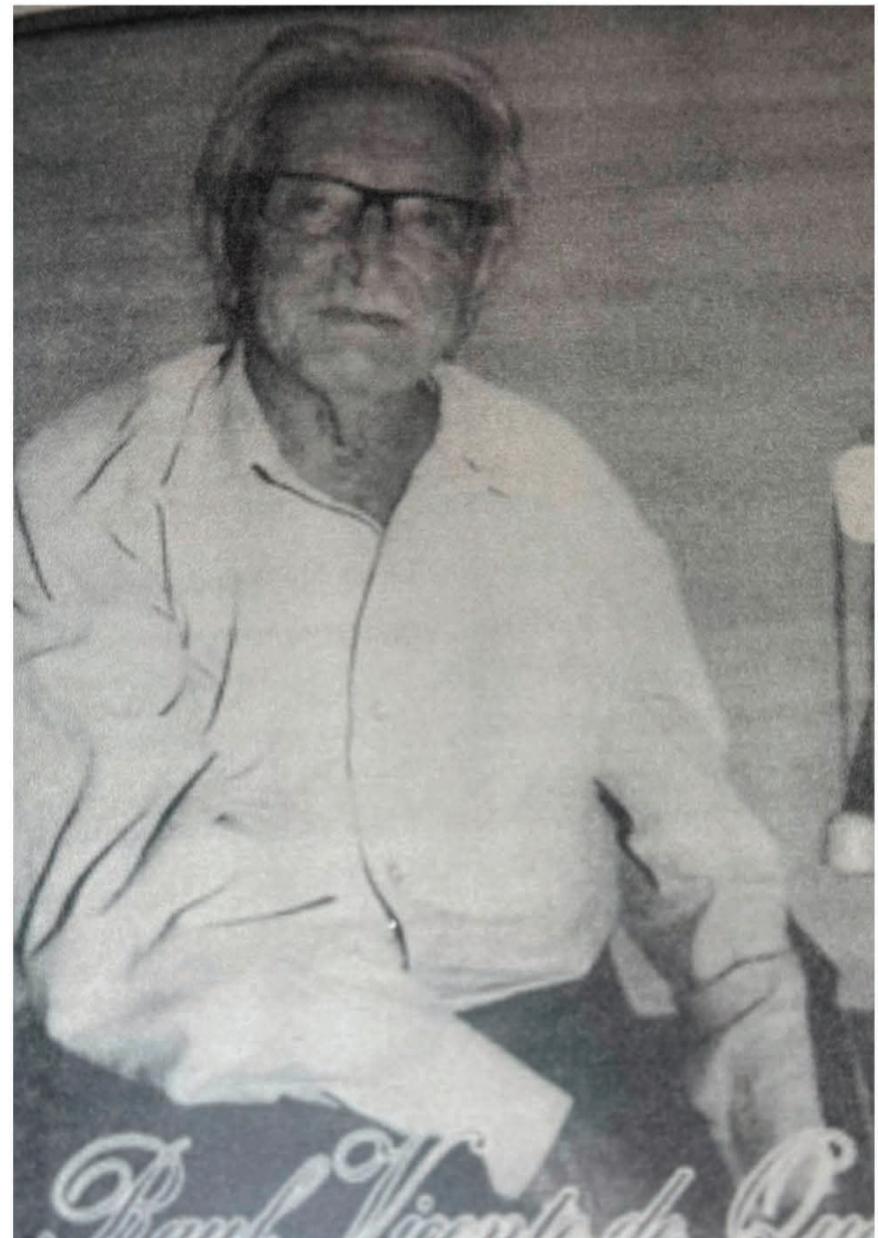


Foto: Acervo da AVTA

Sua produção literária também deixou marcas. Autor de inúmeros folhetos de cordel, publicou, em 2008, o livro *Brasão Poético de Cultura Popular*, reunindo parte de sua experiência como violeiro, poeta e estudioso das tradições orais. Nas apresentações, costumava alternar versos improvisados e composições já lapidadas, demonstrando domínio da palavra e da melodia. Representou Alagoas em festivais e encontros nacionais, levando para além das fronteiras do estado o sotaque e o humor da cantoria nordestina.

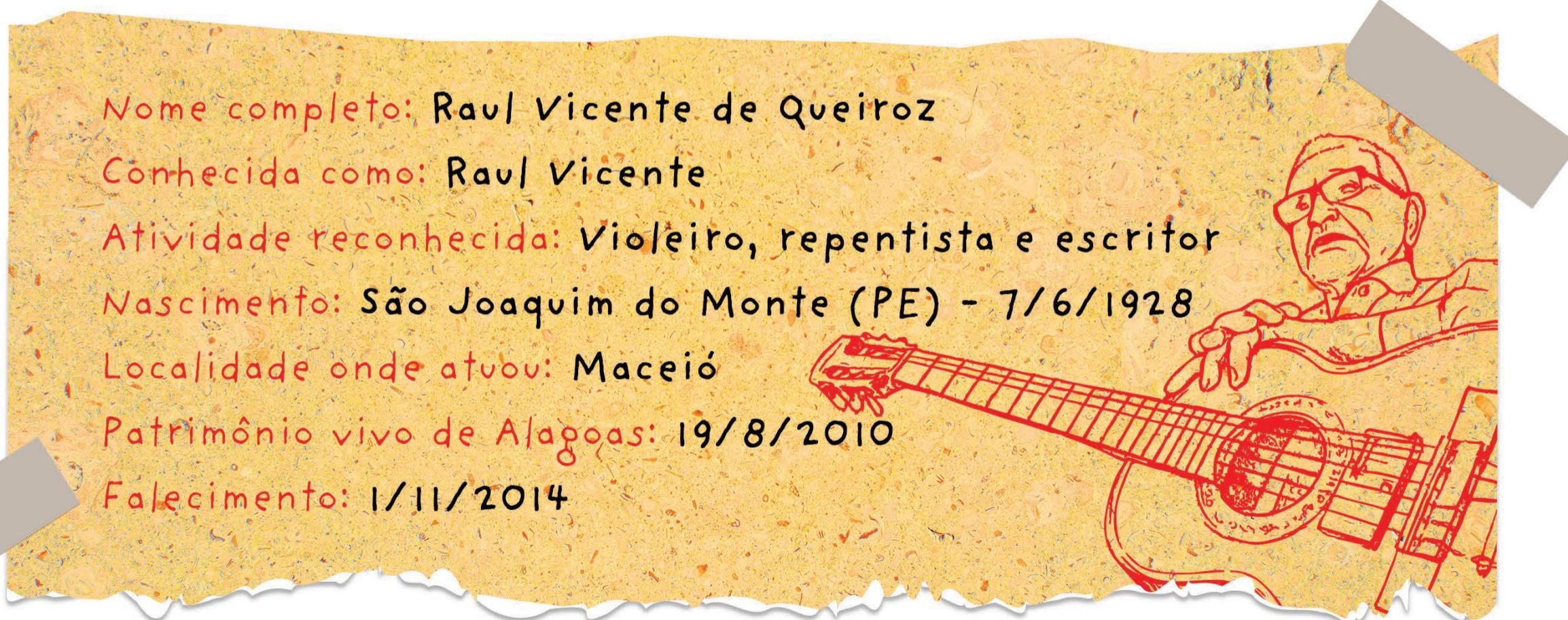
RECONHECIMENTO



Foto: Da intenet

Seu reconhecimento oficial veio em 2010, quando foi inscrito no Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas. Quatro anos depois, em novembro de 2014, Raul Vicente morreu em Maceió, aos 86 anos, por problemas pulmonares. "A importância de Raul Vicente para Alagoas foi tão grande que ele foi escolhido como Patrimônio Vivo por merecimento, pelo trabalho de manter viva, no estado, a tradição da viola. Ele dizia muito: 'Nasci em Pernambuco, mas amo Alagoas'", recorda Cícero. "Seu Raul também publicou livros, era convidado para dar palestras e, nas cantorias, também era muito bom, estava sempre presente, não só aqui em Alagoas. Ele partiu, mas deixou uma semente plantada para todos e para as novas gerações."

A memória de Raul Vicente de Queiroz permanece nas histórias de quem o acompanhou e nos espaços que ajudou a construir. Entre cordéis, versos repentinos e o som da viola, ele fez da própria vida um testemunho do valor da tradição oral. Seu legado continua presente nos encontros de cantadores e nas sementes que plantou entre as novas gerações de violeiros.





PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-raul-vicente>



Foto: Da internet



MESTRE VEVEL

Patrimônio Vivo da Tradição do Bumba Meu Boi

Entre as figuras que mantiveram vivo o Bumba Meu Boi em Alagoas, Mestre Vevel ocupa um lugar de destaque. Mais do que coordenador e entoador do Boi Paraná, tornou-se referência e fonte de inspiração para gerações de brincantes. Reconhecido como Patrimônio Vivo de Alagoas em 2012, dedicou mais de quatro décadas à preservação e à reinvenção do folguedo, sem nunca perder a simplicidade que lhe era característica.

Natural da capital alagoana, Everaldo Lins nasceu em 11 de setembro de 1951. Iniciou sua trajetória cultural aos 18 anos no bairro do Poço, tendo a Travessa Paraná como coração dessa história. A própria travessa, que inspirou o nome do boi que liderou, um dos primeiros a participar de concursos oficiais em Alagoas, tornou-se ponto de encontro, local de ensaios e de confecção das roupas e alegorias do folguedo.

Sua dedicação ao Boi Paraná não era solitária. Em família, a irmã Deusdete ajudava na costura das roupas do boi e das integrantes, enquanto ele cuidava das armações, das baterias e da música. *"Antes dele tomar conta do Boi Paraná, já tinham outras pessoas que foram as fundadoras, mas depois essas pessoas deixaram e o tio Vevel junto com a minha mãe Deusdete tomaram a frente. Ele ficou a cargo das armações, das baterias, e minha mãe passou a costurar a roupa do boi e as roupas das meninas que dançavam. Eu tinha uns nove, dez anos quando comecei a brincar no boi, porque o Paraná começou com o grupo de dança. Antigamente só era o boi, o vaqueiro e os tocadores. Aí a gente inovou e colocamos as meninas pra dançar e eu comecei a fazer parte também,"* recorda Ariana, sobrinha do Mestre.

Vevel estreou em competições em 1985, no antigo clube Alagoinhas, e inovou ao introduzir canções nas apresentações, que antes contavam apenas com percussão. Ele criava músicas que exaltavam Alagoas e eram requisitadas por outros grupos da capital. *"Antes os bois se apresentavam somente com a percussão, sem música. Foi então que tive a ideia de fazer uma música para animar ainda mais a festa"*, afirmou certa vez.

"Ele deixou um caderno enorme com músicas que criou, cada uma mostrando sua

inteligência e amor pelo folguedo. Tio Vevel era uma pessoa muito boa, todo mundo gostava dele. Gostava de ajudar o próximo e amava a cultura. A sede do boi era na nossa casa, e ele cuidava de tudo com muito carinho, " relembra Ariana.

Depois do falecimento de Deusdete, Vevel passou também a cuidar da ornamentação do boi. Ele produzia artesanalmente os bonecos, preferindo lantejoulas em vez de miçangas, por acreditar que o brilho deveria ter leveza. "Aprendi com minha querida irmã, que faleceu. Tem que ter paciência para conseguir um resultado bom. Fazemos tudo bem feito, da cabeça do boi ao saiote", afirmou. "Eu sou dos poucos que ainda prefere trabalhar com as lantejoulas em vez de miçangas. Na minha opinião, as alegorias têm que brilhar, mas com leveza", completou.

A memória de Mestre Vevel também está viva nas palavras de Ewerton Vieira, seu discípulo e criador do grupo Bumbá Alagoano. Ele guarda consigo não apenas os troféus e certificados conquistados pelo Mestre, mas o legado humano e cultural. "Tudo o restou do boi Paraná está na sede do meu grupo atual, o Bumbá Alagoano. Eu tenho a última roupa que ele cantou, o livro-histórico do grupo, os troféus, os certificados que ele ganhou por onde passou, mas o mais importante é a memória, comenta emocionado. "Desde pequeno a gente sempre tinha o sonho de brincar o Bumba meu boi e teve o grupo do mestre Vevel como referência, que foi nosso mentor de tudo o que a gente sabe hoje. Quando a gente chegou na casa dele, ele nos apoiou costurando o pano do boi da gente, ajudando a gente com a música e dali a gente já pensou em não simplesmente fazer um boi pra sair na rua, mas brincar nos festivais. Aí de lá pra cá estamos há 25 anos levando o que a gente aprendeu".

Ewerton fala também de Vevel como uma figura paterna. "Eu nunca tive pai, e ele me tirou de muita coisa. Eu poderia ter entrado na droga e em outras coisas e eu tive ele como pai, não só na cultura. Era um cara de bom coração que não media esforços pra ajudar a ninguém, era retelhando casa do povo que não tinha dinheiro, era fazendo serviço de energia, encanação, de tudo. Eu aprendi muita coisa com ele". A generosidade era marca de sua convivência. Você não via ele

triste, você via ele sempre ajudando ao próximo, não tinha essa questão de rivalidade dentro dos grupos. Chegavam grupos que se diziam rivais da gente na casa dele pedindo música e ele fazia. Ia nos ensaios dos grupos e ensinava como se cantava", recorda.

RECONHECIMENTO E LEGADO



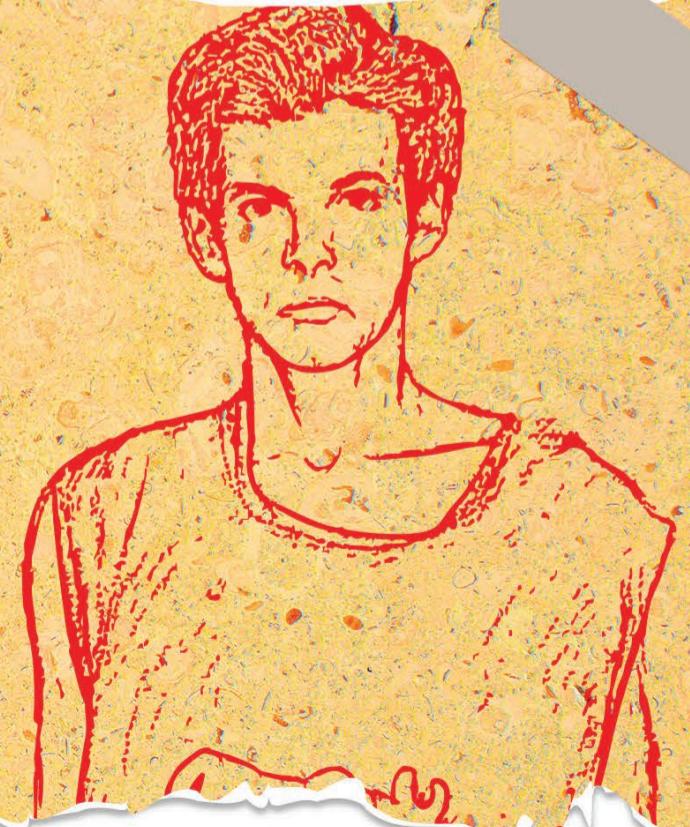
Foto: Acervo do Boi Paraná/ Ewerton Vieira

Compositor, artesão, aderecista e cantor, deixou uma obra feita de cores, ritmos e letras que exaltavam Alagoas e seu povo. Sua trajetória foi reconhecida oficialmente em 2012, quando recebeu o título de Patrimônio Vivo de Alagoas. Um ano depois, foi homenageado no Festival de Bumba meu boi de Maceió, mas, tímido como era, não subiu ao palco para receber os aplausos.

"Quando foi reconhecido como Patrimônio Vivo, foi uma grande alegria, um incentivo pelo tanto que já havia feito", lembra Ariana. Ewerton também recorda o momento. *"Quem foi o mentor da indicação do Mestre Vevel como Patrimônio Vivo foi Eugênio Vilela, que fez a inscrição dele. Quando ele foi nomeado, estávamos lá, junto com o Bumbá Alagoano e toda a bateria do boi, celebrando aquela gratidão que a cultura estava dando a ele. Foi uma alegria imensa vê-lo reconhecido."*

Apesar do reconhecimento, Mestre Vevel nunca se deixou levar pela vaidade. Ariana também lembra que ele era um homem simples e reservado. Preferia estar no meio da comunidade, fazendo o que amava: criar, orientar e brincar. *"Ele não gostava de se exibir, era muito tímido. Muitas vezes não ia receber os troféus,*

Nome completo: Everaldo Lins
Conhecida como: Mestre Vevel
Atividade reconhecida: Boi de Carnaval
Nascimento: Maceió, 11/09/1951
Localidade onde atuou: Maceió
Patrimônio vivo de Alagoas: 30/06/2012
Falecimento: 09/03/2014 (Aos 62 anos)



mandava alguém no lugar. Ele fazia porque amava o boi e a cultura, não por interesse pessoal.

Entre as experiências marcantes de sua carreira, destaca-se a participação, em



Foto: Acervo do Boi Paraná/ Ewerton Vieira

1998, com o Boi Paraná, na gravação da canção *Influência Jackson*, de Aldir Blanc e Guinga, em Maceió, ao lado da cantora Leila Pinheiro. Esse momento mostrou a sua importância e do folguedo para além das apresentações locais, registrando sua contribuição para a cultura brasileira.

A perda de Mestre Vevel deixou um profundo vazio na comunidade cultural. Na despedida, a dor foi sentida por todos que conviviam com ele. *"Recebemos a notícia do falecimento dele antes de um festival e foi muito doloroso, a gente pensou até em parar de montar o nosso boi naquele ano, porque ele era o esteio da gente. Nesse ano nossa temática era "O mundo do faz de conta", onde um boneco queria virar gente, e nesse mundo só o mestre Vevel poderia fazer isso. Levamos esse tema e ficamos em 2º colocado, mais uma vez homenageando ele. E seguimos até hoje, celebrando o que ele nos deixou. Agora em 2025, celebraremos as bodas de prata do Bumbá Alagoano e tem uma parte da música que é voltada a ele,"* recorda Ewerton.

Mestre Vevel faleceu em 9 de março de 2014, vítima de câncer no pulmão, aos 62 anos. O velório reuniu familiares, amigos, brincantes e admiradores, e contou com tambores, fantasias e músicas do Boi Paraná, transformando a despedida em um verdadeiro ato de celebração da vida e da obra do mestre. Sua trajetória foi reverenciada em homenagens públicas, como no Festival de Bumba meu boi daquele ano, quando vários grupos entraram em cena para celebrar sua memória.

Hoje, passados mais de dez anos de sua partida, sua presença permanece. Está na lembrança dos que conviveram com ele, nos figurinos que bordou à mão, nos enredos que deram identidade ao Boi Paraná, nas composições que continuam sendo entoadas e no exemplo de vida simples e generosa. Como sintetizou Ewerton, *"nada mudou, porque no meio da cultura do boi ele sempre foi tido como mestre, mesmo sem título"*. Assim, o legado de Mestre Vevel não se encerrou com sua partida. Ele continua a ecoar nas batidas do tambor, no brilho das lantejoulas e na força da coletividade que ele tanto acreditava. Seu nome se inscreve na história cultural de Alagoas como um mestre essencial, guardião do Bumba meu boi e exemplo de dedicação à cultura popular.



Foto: Acervo do Boi Paraná/ Ewerton Vieira



MESTRE VENÂNCIO

Alegria e Resistência no **Guerreiro Alagoano**

Nascido em 20 de abril de 1924, no Engenho Monte Alegre, povoado de Capela, Manoel Venâncio de Amorim cresceu entre o cheiro da cana e o som do pagode que ecoava nas rodas conduzidas por seu pai, Cícero Venâncio. Desde menino, aprendeu a valorizar o canto e o riso como forma de atravessar as dificuldades. Ainda criança, acompanhava o pai nas brincadeiras, aprendendo as cantigas de coco e o respeito pelos folguedos. Antes dos quinze anos já era contramestre de reisado, demonstrando uma habilidade precoce para a improvisação e o manejo das tradições.

A juventude o levou a diferentes caminhos. Experimentou o ofício de pedreiro e migrou em busca de trabalho, passando pelo interior da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Nessas andanças, nunca abandonou a música. Entre uma obra e outra, cantava pagode, participava de festejos e partilhava a alegria que levava consigo. Fabricou sua própria viola com a palha do coco catolé, confeccionou pandeiros, ganzás e bizungas, inventando soluções para que o canto não fosse interrompido pelas limitações materiais. O humor, marca registrada, o acompanhava sempre, mesmo nos períodos de maior aperto.

Ao voltar para Alagoas, estabeleceu-se em Maceió, no bairro de Bebedouro, onde começou a dançar no Guerreiro do mestre João Rosa. A partir daí, integrou-se a grupos comandados por nomes de destaque como Manoel Lourenço, Manoel Cândido, Luís Moreno, Jorge Ferreira, João Amado. Em cada roda, ampliava seu repertório e aprendia novas formas de conduzir um folguedo.

Em 1972, junto de amigos como Sebastião, João Vicente e Darci Marcena criou seu próprio grupo, o Guerreiro Padre Cícero, também conhecido como Mensageiros de Padre Cícero. O nome refletia sua devoção ao “PadimCiço”, vínculo herdado de sua mãe, Antônia Maria, que viajava a pé até o Juazeiro do Norte para pagar promessas. Venâncio construiu a sede do grupo no Tabuleiro do Martins, num terreno cedido por comerciantes, e vestiu os brincantes com roupas que ele mesmo ajudava a confeccionar. Para garantir o traje do Guerreiro, recorria até ao décimo terceiro salário, como costumava brincar, afirmando que “tirava do prato” para não deixar faltar fita ou bordado.



Fonte: Da internet

A memória de seu filho Petrúcio, o Pell, revela o ambiente alegre que cercava o Mestre. Pell lembra dos ensaios aos sábados no campo do Sete, onde se juntavam moradores do Tabuleiro, Chã da Jaqueira, Forene, Benedito Bentes. *"Meu pai sempre dizia que o Guerreiro só dá certo quando a gente sabe lidar com o povo"*, contou. A casa era também guardiã da festa. Um quarto inteiro era destinado aos figurinos, cuidadosamente guardados, prontos para brilhar em palcos e ruas. As

fitas eram compradas por Venâncio, enquanto dona Ló, rainha do grupo, se encarregava de costurar os saíotes e camisas.

Mais do que mestre de Guerreiro, Venâncio era cantador de pagode, coquista e educador informal. Participou do projeto "Mestre na Escola", da Secretaria de Educação, ensinando crianças e adolescentes no Núcleo de Expressão Artística (NEXA), no CEPA. Para ele, estar com os jovens era sinônimo de festa; gostava de transmitir o que sabia, de ouvir novas vozes ecoando antigas ladinhas.

RECONHECIMENTO

A trajetória de Venâncio se entrelaça com a história da política cultural alagoana. O jornalista e ex-secretário Estadual de Cultura, Edilberto Ticianeli, conta que foi a convivência com mestres como ele que inspirou a implantação da Lei do Patrimônio Vivo, em 2004.

VENÂNCIO NUNCA SOUBE QUE FOI ELE QUEM ME INSPIROU A PROPOR A LEI DOS MESTRES. EU SAÍA DAS CONVERSAS COM AQUELE MESTRE DO GUERREIRO REFLETINDO SOBRE A GRANDEZA HUMANA. UM HOMEM DO PVO, VIVENDO COM INÚMERAS LIMITAÇÕES MATERIAIS, MAS QUE SABIA RIR COMO POCOS. SEU BOM HUMOR ERA UMA AULA DE COMO VIVER DE BEM COM O MUNDO E COM AS PESSOAS, MESMO NAS ADVERSIDADES

Venâncio, com seu inseparável pandeiro, estava entre os nove primeiros registrados em 2005, por decisão do Conselho Estadual de Cultura. Recebia, enfim, um reconhecimento que simbolizava o valor de sua dedicação. Pouco tempo depois, adquiriu novos microfones, caixas de som e reformou os figurinos do grupo, garantindo apresentações em Atalaia, Branquinha, Pilar, Ibateguara, São Luís do Maranhão, Teresina, São Paulo.

Mesmo quando um incêndio destruiu parte das roupas do grupo, ele não desanimou. Reconstruiu tudo com o apoio de amigos e das poucas remunerações obtidas em apresentações. Sua fé e perseverança eram combustível para recomeçar sempre. Recebeu, em 2007, o Prêmio de Culturas Populares Humberto Maracanã, do Ministério da Cultura, distinção que reforçou sua importância no cenário nacional.

Venâncio também sabia rir de si mesmo. Ticianeli recorda uma manhã na Secretaria de Cultura quando, provocado sobre improvisos, respondeu com gargalhadas ao mote inusitado "topei no paralelepípedo e caí no purgatório". O



mestre não perdeu a chance de brincar, reafirmando que sua poesia vinha do encontro vivo, não de decorações antecipadas. Era assim, um homem simples, consciente das dificuldades, mas capaz de transformar cada ocasião em motivo para alegria.

A saúde fragilizada não o afastou completamente das apresentações. Em janeiro de 2008, já doente, subiu ao palco do Museu Théo Brandão, desculpando-se por ter esquecido o chapéu em casa, antes de tocar o pandeiro com vigor. No mês seguinte, em 28 de fevereiro, faleceu em sua residência no Tabuleiro do Martins, aos 84 anos. O velório, como lembrou Pell, foi marcado pela beleza. Todos do grupo compareceram trajados, e o som dos tambores ecoou como homenagem ao mestre. *"Ele deixou uma mensagem muito bonita com o Guerreiro dele"*, disse o filho.

Hoje, o grupo que Venâncio fundou encontra-se com o Mestre André. Pell sonha em recuperar o Guerreiro Padre Cícero, preservando a memória do pai e abrindo espaço para novas gerações.

Manoel Venâncio de Amorim foi mais do que um brincante habilidoso, foi ponte entre tempos, costurando saberes antigos às esperanças de um futuro em que a cultura popular siga pulsando. Sua história, marcada por fé, trabalho e riso, reafirma que o Guerreiro não é apenas espetáculo, mas também testemunho da força criadora do povo alagoano.



Mestre Venâncio ao lado do mestre Verdelinho. Foto: Da internet



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestre-venancio>



Foto: Acervo da Asfopal



MESTRA MARIA FLOR

Rainha do Guerreiro: Brilho e Devoção

Alagoas nunca teve uma monarquia, mas teve sua rainha, Maria Flor. Colorida, adornada, vaidosa, autêntica, apaixonada e, segundo os mais próximos, muito, muito “amostrada” e linda também. Parecia uma bonequinha de tão pequena e exuberante. Nos tempos áureos do Guerreiro em Alagoas, Dona Flor, como ficou conhecida, reinou por décadas, dançando e celebrando o guerreiro alagoano.

A “Senhora dos Anéis”, outro apelido que a acompanhou, nasceu no Engenho dos Prazeres, município de Flexeiras, em 2 de fevereiro de 1930, filha de Florentino Ferreira dos Santos e Elvira Maria da Conceição. Logo nos primeiros dias de vida, tornou-se motivo de desavença entre os pais, que não conseguiam decidir seu nome. A bebê passou 15 dias sem definição, até que finalmente recebeu o nome que a marcaria para sempre, e que carregava em si a força e a beleza de sua história.

“Maria Flor nasceu no dia 2 de fevereiro, e em alguns lugares se comemora o dia de Santa Maria Madalena. O pai queria que ela se chamassem Maria Madalena. A mãe permanecia em silêncio, mas depois de uns quinze dias ele sugeriu Maria dos Prazeres, porque ela nascera no Engenho Prazeres. Então a mãe se impôs e disse que não seria nem uma coisa nem outra. Ela se chamaria Maria Flor, porque o marido se chamava Florentino”, lembra a amiga Josefina Novaes.

Desde muito cedo, Maria Flor mergulhou no guerreiro, vivendo a tradição com alegria e dedicação. Começou sua trajetória aos dez anos, ainda na casa dos pais. Logo se destacou, tornando-se Estrela de Ouro, Sereia e Rainha.

Quando se casou, fez uma pausa na “brincadeira”, mas o casamento durou apenas quatro anos. Em 1949, aos 19 anos, decidiu tentar a vida em Maceió trabalhando como doméstica. Fixou residência no bairro da Chã de Bebedouro, então um verdadeiro celeiro de folguedos populares. Rapidamente integrou-se ao Guerreiro do mestre Jorge Ferreira, onde dançou por dois anos e se apresentou em diversos municípios do estado.

“A coisa melhor do mundo é o Guerreiro”, dizia ela. “Quando o mestre Jorge

resolvia viajar, eu largava o emprego de doméstica e ia junto. Sempre sobrava um dinheirinho para comer e guardar. Conforto, nem pensar. O transporte era um caminhão, a dormida era arranchada nas casas dos outros ou nas salas das escolas, mas nunca faltava um palco para as apresentações e nada abalava a alegria de dançar Guerreiro", contou ela em entrevista a Josefina. O dinheiro que ela ganhava nas apresentações dava para passar uns três meses depois que ela retornava das viagens, e então ela buscava outro trabalho.



Foto: Da internet

Quando o grupo do mestre Jorge Ferreira chegou ao fim, Maria Flor passou a brincar no Guerreiro do Machado. Mais tarde, foi convidada por José Tenório para ser Rainha do Guerreiro Vencedor Alagoano, mestrado por Juvenal Leonardo. *"Ela deixou uma marca maravilhosa, porque ela passou 25 anos como rainha do Guerreiro Vencedor Alagoano, que tinha dois pontos fortes, o mestre Juvenal Leonardo e a Maria Flor, pela beleza que ela se apresentava, pela simpatia"*, declara Josefina.

Dividida entre a vida profissional, a família e a arte, Maria Flor teve um único filho, cuja perda, aos 36 anos, foi a maior tristeza de sua vida. Ele deixou três crianças, que Maria Flor fez questão de ajudar a criar.

Para Ariane Sales, bisneta de Maria Flor, sua marca mais profunda não esteve apenas no Guerreiro, mas sobretudo na família, por sua coragem e pela ousadia de proteger os seus enquanto cultivava um amor inabalável pela tradição. *"Falar dela é emocionante e muito gratificante, porque ela foi uma mulher que sempre lutou pelo que queria, pelos seus direitos e pela cultura, por tudo em que acreditava. Teve um papel muito importante na nossa família, pois mostrava que, quando a gente quer algo, consegue. Foi uma mulher sozinha que criou o único filho, que era meu avô, ajudou a criar os netos, minha mãe e meus tios, e ainda lutou pelo que acreditava, que era o Guerreiro. Sempre foi respeitada por onde passava, tanto no bairro quanto em outros lugares, e conseguiu construir o seu nome."*

"Era uma mulher guerreira do Guerreiro", lembra a nora Maria Augusta. *"Trabalhava em casas de família, se aposentou como cozinheira, veio do interior. Morou na Chã de Bebedouro e, depois, na Chã da Jaqueira, quando conheci o filho dela e nós nos casamos. Ela era apaixonada pelo Guerreiro, sempre alegre e contente. Desde quando me casei com o filho dela, ela já dançava, e assim foi até velhinha. Só parou quando Deus a levou. Conheceu muita gente nesse meio. Quando inventava de fazer alguma coisa, ela fazia e pronto. A gente nunca foi contra. Mesmo de idade, com aquelas perninhas dela, ainda pulava e dançava. "*

"Conheci Maria Flor em 1986, na Secretaria de Cultura, durante as reuniões da

Asfopal, e foi amor à primeira vista", relembra Josefina Novaes. "Ela era muito bonitinha, dava vontade de botar no braço, tão pequeninha, acho que Maria Flor tinha 1,45m por aí. O interessante é que, quando cheguei, pensei que ela e a mestra Vitória fossem irmãs, porque eram do mesmo tamanho e só andavam juntas. Dançavam no mesmo Guerreiro, moravam perto, e estavam sempre lado a lado. São muitas lembranças, quando ela chegava, eu já estava junto dela. Ela brincava dizendo que eu era mãe dela."

INESQUECÍVEL, DENTRO E FORA DO GUERREIRO

"A característica mais forte dele era a vaidade", conta Josefina. "Altamente vaidosa, cuidada, as unhas sempre pintadas, de batom vermelho, cada dedo tinha que ter um anel, muitos colares, toda arrumadinha. Em segundo lugar vinha a limpeza. A casa era impecável e, quando a gente chegava lá, ela pedia que tirássemos os sapatos. Ninguém entrava calçado. Parecia uma casa de boneca." Josefina recorda também que, quando recebia o décimo terceiro, Maria Flor investia tudo no figurino. "O manto precisava ser o tecido com mais dourado. Eu sempre ia com ela às compras e andávamos bastante até encontrar algo bem reluzente."

Nome completo: Maria Flor dos Santos

Conhecida como: Dona Flor

Atividade reconhecida: Rainha de Guerreiro

Nascimento: Flexeiras - 02/02/1930

Localidade onde atuou: Maceió

Patrimônio vivo de Alagoas: 18 de agosto de 2009

Falecimento: 10 de dezembro de 2018



Além de chamar atenção por ser pequeninha e andar sempre muito arrumada, Maria Flor era bem comunicativa. "Sempre sorrindo, tinha um timbre de voz estridente quando começava a cantar e gostava de se mostrar mesmo", diz Novaes.

Sua nora, Maria Augusta, comenta que essa vaidade permaneceu até os últimos dias. "Era muito vaidosa, passava batom, pintava as unhas e andava sempre arrumadinha. Mesmo velhinha, nunca deixou de se cuidar. Todo mundo amava ela no Guerreiro." Ariane também guarda lembranças afetuosas da casa sempre



Apresentação do Guerreiro Vencedor Alagoano. Foto: Acervo da Asfopal

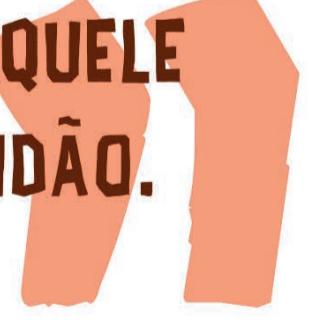
multicolorida. "Ainda consegui ver algumas apresentações dela na rua. E lembro que, quando chegava lá, era muito brilho, muitos chapéus, roupas coloridas. Ela estava sempre com esmalte na mão, cabelo arrumado, batom, sempre cheirosa. Gostava mesmo de se enfeitar, de usar colares, pulseiras, brincos grandes. Sempre foi ousada nos acessórios. "

RECONHECIMENTO

A flor singular e memorável do folclore alagoano foi reconhecida, em 2009, como Mestra do Patrimônio Vivo de Alagoas, conquistando definitivamente seu lugar na realeza da cultura popular do estado. Josefina recorda a alegria e o cuidado que Maria Flor teve para se apresentar no dia da certificação como uma verdadeira rainha.



QUANDO RECEBEU A NOTÍCIA DE QUE SERIA PATRIMÔNIO VIVO, ELA CHEGOU DIZENDO QUE PRECISAVA COMPRAR UM VESTIDO COR-DE-ROSA. PASSAMOS A MANHÃ INTEIRA ESCOLHENDO O TECIDO E, DEPOIS, OITO ANÉIS, TODOS DA MESMA COR. ELA DIZIA: 'EU SOU UMA RAINHA, E NO DIA EU TENHO QUE ESTAR COMO UMA RAINHA'. E REALMENTE PARECIA UMA BONECA NAQUELE DIA, TÃO FELIZ. A CERIMÔNIA FOI NO MUSEU THÉO BRANDÃO.



Ariane também se lembra do orgulho estampado no rosto de Maria Flor. "Nós fomos ao evento em que ela foi reconhecida como Patrimônio Vivo de Alagoas, acompanhamos tudo de perto, e ela ficou radiante, muito orgulhosa por ter conseguido esse reconhecimento", conta.

Maria Flor participou ainda do projeto Mestre na Escola, da Secretaria de Estado da Educação, e, junto com o mestre Juvenal Leonardo, criou o “Guerreiro das Artes” no Núcleo de Extensão Artístico do CEPA. “Ela foi, com o mestre Juvenal, trabalhar no projeto Mestres nas Escolas, coordenado pelo professor Ranilson, e juntos formaram o Guerreiro das Artes. Era maravilhoso, foi o grupo mais exitoso desse projeto”, comenta Josefina.

Nos últimos anos, gostava de cantar as peças diariamente para não esquecer e para ensinar bisnetas e tataranetas. Apesar do incentivo, ninguém da família seguiu no caminho do guerreiro ou de outra atividade artística. *“Ela sempre incentivou, mas o interesse da gente é que foi pouco mesmo”*, admite Ariane.

Mesmo com a idade avançada, Maria Flor estava sempre pronta para reassumir o posto de rainha, bastava um convite. A Mestra encerrou seu reinado aos 88 anos, no dia 10 de dezembro de 2018, deixando um importante capítulo na história do Guerreiro alagoano e perpetuando um legado de beleza e entusiasmo pela cultura popular.



Foto: Da internet



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestra-maria-flor>



Foto: Arquivo Asfopal/ Neno Canuto



MESTRA VITÓRIA

A Índia Peri do Guerreiro Leão Devorador

ImpONENTE no palco, mesmo com sua estatura fранzina, Maria Vitória da Silva transformava cada apresentação em um espetáculo de força e beleza. Foi a única mulher em Alagoas a interpretar o Índio Peri, papel central na ópera popular do Guerreiro, e fez do grupo Leão Devorador, fundado por ela na Chã da Jaqueira, um marco da cultura popular alagoana.

Desde os oito anos de idade começou a dançar Guerreiro ao lado dos familiares. Nascida em Viçosa, no dia 2 de novembro de 1938, era filha de Jacinto Marques da Silva e de Maria Francisca dos Santos. Quando se mudou para Maceió, no bairro da Chã da Jaqueira, integrou o Guerreiro Vencedor Alagoano, coordenado por José Tenório, onde conviveu com o mestre Juvenal Leonardo. Foi nesse ambiente que conheceu a Rainha Maria Flor, com quem construiu uma amizade que atravessou toda a vida.

Com o incentivo do compadre e amigo mestre Djalma de Oliveira, fundou o Guerreiro Leão Devorador, grupo que se tornaria um marco da cultura popular alagoana. Vitória também foi pioneira, sendo única mulher em Alagoas a interpretar o Índio Peri, uma das figuras centrais e mais fortes do Guerreiro. *"Dançar de Índio Peri é muito importante, é uma figura muito forte e muito animada, além do traje que é muito bonito. É uma parte de drama do Guerreiro"*, dizia com orgulho.

O início, no entanto, foi desafiador. *"Sempre foi muito difícil manter o grupo. Os ensaios eram na calçada, aproveitando a luz do poste. A pouca ajuda, quando vinha, era por parte do professor Ranilson, através da Asfopal, mas ele também não tinha muito apoio"*, recordava a mestra. Mesmo diante dos obstáculos, o Leão Devorador cresceu e ganhou reconhecimento, chegando a se apresentar em Salvador, Recife, Fortaleza, São Paulo e em várias cidades do interior de Alagoas.

Vitória também percorreu o país no projeto "Sonora Brasil", do Sesc, ao lado do mestre Verdelinho. Foram quarenta dias de apresentações do Sul ao Norte do Brasil, experiência que lhe permitiu, com o cachê recebido, reformar sua casa na Chã da Jaqueira. Mestra Vitória integrou o Grupo "A Parte", que desenvolvia um trabalho de divulgação e pesquisa do Guerreiro alagoano e contava com

estudiosos e folcloristas como Catarina Labouré, Telma César, além do Mestre Verdelinho.



Foto: Celso Brandão. Acervo de Gustavo Quintella

Em 2007, seu nome foi inscrito no Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas. No ano seguinte, a conquista de uma sede própria, graças ao Prêmio Culturas Populares Humberto Maracanã, foi motivo de profunda alegria. "A inauguração dessa sede me fez muito feliz, foi o dia mais alegre da minha vida, já posso morrer em paz". Poucos meses depois, em 9 de dezembro de 2008, Mestra Vitória faleceu, vítima de complicações de saúde, deixando o Guerreiro aos cuidados da filha Anadeje Moraes.

A sua trajetória deixou marcas não apenas na história do Guerreiro, mas também na memória afetiva de quem esteve ao seu lado. A brincante Solange Leite, que conviveu de perto com Vitória, lembra com emoção do tempo em que dançou no grupo. "Eu passei muito tempo dançando no Guerreiro da dona Vitória. A gente sempre ensaiava aos sábados e no domingo já se apresentava, até mesmo aqui na Chã da Jaqueira. Era muita gente naquele tempo, muitas figuras, era muito bom, aproveitei tanto aqueles momentos. Fomos até para Fortaleza com o grupo dela. Era muito animado, muita gente chegava para olhar o Guerreiro dançando. Todo mundo aplaudia, achava bonito. Eu não perdia um. Praticamente, a cultura do Guerreiro aqui acabou", lamenta".

Carlos Alberto, neto da mestra, também guarda lembranças carregadas de afeto.



Foto: Acervo da família do Mestre Djalma

"A convivência com ela era maravilhosa, minha vó era tudo pra mim. O único neto que ela confiava era eu, e me levava para todo canto. Ela foi quem me incentivou a começar a brincar como caboclinho porque eu era pequeno, mas eu queria ser embaixador só que o chapéu era muito grande para mim na época. Aí passei para vassalo, depois embaixador e entremeio, que são os figurantes (boi, zabelê, lobisomem).

Ele recorda também os momentos animados do Leão Devorador. *"Quando ela estava viva, lá na Chã da Jaqueira, era muito movimentado. Nos apresentávamos na sede, em frente às igrejas, sempre com muita gente, e era maravilhoso. Viajávamos bastante, de dezembro a janeiro, durante as festas de Natal, e fomos para várias cidades do interior. Ela mantinha o Guerreiro com o salário mínimo que ganhava, comprava fitas e adereços. Os chapéus foram feitos primeiro pelo meu avô, e depois o mestre Jaime passou a confeccioná-los. "*

Para Carlos, o brilho da avó era inconfundível. *"Era maravilhoso vê-la se apresentando, tem coisas que eu não sei explicar direito, fico até emocionado. Minha vó era muito sorridente, só vivia rindo. Em vida ela foi muito respeitada, em todo canto que chegava o pessoal abraçava, tirava foto com ela".*

Nome completo: Maria Vitória da Silva

Conhecida como: Mestra Vitória

Atividade reconhecida: Brincante de Guerreiro

Nascimento: Viçosa - 02/11/1938

Localidade onde atuou: Maceió

Patrimônio vivo de Alagoas: 13/04/2007

Falecimento: 09/12/2008 (Aos 71 anos)



Mestra Vitória deixou um legado de força, garra e resistência. Sua figura permanece viva na memória coletiva, seja nas coreografias do Leão Devorador, nas histórias contadas pelos que dançaram ao seu lado ou no orgulho transmitido aos descendentes. Mais que uma mestra, foi guardiã de uma tradição que encantou gerações e que segue sendo inspiração para a cultura popular alagoana.



Foto: Acervo da Asfopal



PRA CEGO VER

<https://soundcloud.com/aqui-acol/mestra-vitoria>



Foto: Acervo Asfopal/Ricardo Lêdo

MATERIAL COMPLEMENTAR

Aquacola.net

<http://auiacola.net/category/entorno-dos-mestres/>

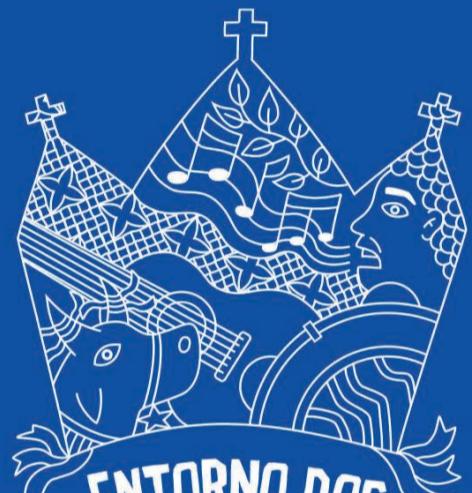


Diário de Bordo

<https://www.instagram.com/entornodosmestres/>







ENTORNO DOS
MESTRES

2^A EDIÇÃO

Realização



Apoio

Secretaria de Estado
da Cultura e
Economia Criativa



POLÍTICA NACIONAL
MINISTÉRIO DA
CULTURA

